



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN



Painel de D.J Oliveira, instalado na Praça das 3 Bicas, em Luziânia-GO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

EDUARDO VIEIRA DE LIMA MEIRELLES

**Memórias inscritas na pedra:
Trilha dos Escravos**

BRASÍLIA

2025

EDUARDO VIEIRA DE LIMA MEIRELLES

**Memórias inscritas na pedra:
Trilha dos Escravos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Design, da Universidade de Brasília (UNB), como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Design.

Linha de Pesquisa: Design, Espaço e Mediações.

Orientador (a): Profa. Dra. Célia Kinuko Matsunaga Higawa.

BRASÍLIA

2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

VM514m Vieira de Lima Meirelles, Eduardo
 Memórias inscritas na pedra: Trilha dos Escravos /
 Eduardo Vieira de Lima Meirelles; orientador Célia Kinuko
 Matsunaga Higawa. Brasília, 2025.
 73 p.

 Dissertação (Mestrado em Design) Universidade de Brasília,
 2025.

 1. Trilha dos Escravos. 2. Trilha dos Escravizados. 3.
 Cartografia sentimental. 4. Luziânia. 5. Memória cultural.
 I. Kinuko Matsunaga Higawa, Célia, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Defesa em: 28/03/2025

Banca examinadora:

Profª. Dra. Célia Kinuko Matsunaga Higawa
PPG-Design e FAC/UnB (Orientadora)

Dra. Clarissa Thaís Lima da Costa
Pós-Doutoranda do PPGE/UFRJ

Profª. Dra. Fátima Aparecida dos Santos
Programa de Pós-Graduação em - Design PPGDesign UnB

Prof. Dr. Breno Tenório Ramalho de Abreu
Programa de Pós-Graduação em - Design PPGDesign UnB

Brasília - DF março/2025

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à memória dos que percorreram caminhos apagados pela história, às vozes silenciadas que moldaram territórios com suor, dor e resistência. Aos negros escravizados que trilharam a Trilha dos Escravos, cujas pegadas ainda ecoam no solo e na memória, apesar das tentativas de apagamento. Que este trabalho contribua para resgatar suas histórias e devolver-lhes um espaço na narrativa do tempo. A todos aqueles que entendem o design não apenas como um campo de criação, mas como uma prática de investigação, ressignificação e transformação. Que este estudo seja um convite a olhar além das formas e dos mapas, para perceber as camadas invisíveis que compõem os territórios da memória e da cultura. E, por fim, àqueles que caminham comigo; familiares, amigos e mestres, cuja presença e incentivo tornaram possível esta jornada de descoberta e reflexão.

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta dissertação é o resultado de um percurso repleto de desafios, aprendizado e colaboração. Agradeço, antes de tudo, à minha orientadora, Célia Matsunaga, cuja orientação, paciência e incentivo foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Sua dedicação à pesquisa e ao ensino inspirou-me em cada etapa deste processo. À colega Laura Pereira, do Programa de Pós-Graduação em Design, expresso minha gratidão pelo companheirismo e coragem, bem como pelo compartilhamento de ideias, pelas discussões produtivas e pelo apoio mútuo ao longo desses anos. O ambiente de colaboração acadêmica foi essencial para meu crescimento intelectual. À minha família, em especial à minha irmã, Juliana Vieira de Lima Meirelles, ao meu pai, Lúzio de Lima Meirelles, e à minha mãe, Mara Rúbia Souza Vieira, expresso minha profunda gratidão. Também agradeço in memoriam às minhas avós, Noemi de Jesus Lima Meirelles e Terezinha Divina Souza Vieira, que, em vida, sempre me incentivaram e acreditaram no meu potencial. Aos amigos, que souberam respeitar meu tempo de estudo e, ao mesmo tempo, ofereceram momentos de respiro e leveza, meus mais sinceros agradecimentos. Por fim, a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta dissertação, expresso meu reconhecimento e gratidão.

"O mapa não é o território"

Alfred Korzybski

RESUMO

Esta dissertação, com foco na Trilha dos Escravos, que rebatizo neste trabalho como Trilha dos Escravizados, e no Rego das Cabaças. como espaços de memória e resistência cultural, utiliza a metodologia da cartografia sentimental de Suely Rolnik para mapear as dimensões físicas e subjetivas dessas trilhas no Planalto Central. Ao integrar mapas geográficos com narrativas pessoais, o estudo busca revelar os significados esquecidos e conectar o espaço à memória coletiva. A pesquisa analisa a trilha como um testemunho do sofrimento e da resiliência das comunidades locais, refletindo as transformações vividas ao longo do tempo. A Trilha dos Escravizados e o Rego das Cabaças se tornam símbolos da brutalidade do sistema colonial, evidenciando o impacto da escravidão na formação da identidade social e territorial da região. A dissertação destaca a importância de preservar esse patrimônio ameaçado pelo esquecimento, promovendo discussões sobre história, memória e identidade. A cartografia sentimental permite resgatar as histórias locais, fortalecer os vínculos culturais e instigar novas reflexões sobre as práticas de preservação e resistência cultural. A metodologia proposta por Rolnik se mostra fundamental para revelar as marcas emocionais, históricas e simbólicas presentes na Trilha dos Escravizados e no Rego das Cabaças. A pesquisa evidencia como a interação com a paisagem do Cerrado moldou as narrativas culturais e como a memória resiste mesmo diante do apagamento histórico imposto pela colonização e urbanização. Ao analisar a Trilha dos Escravizados como um "mosaico de histórias", a dissertação demonstra como as experiências dos escravizados, dos bandeirantes e a interação com a natureza se entrelaçam, criando uma trama de significados que desafiam as interpretações lineares da história. Conclui-se que a abordagem sentimental, ao mapear as marcas subjetivas da história no espaço, contribui para a construção de uma memória coletiva mais justa e inclusiva, reconhecendo a importância da Trilha dos Escravizados e do Rego das Cabaças como espaços de resistência e resiliência cultural.

Palavras-chaves: Trilha dos Escravos, Trilha dos Escravizados, cartografia sentimental, memória cultural, história local

ABSTRACT

This dissertation, focusing on the Trilha dos Escravos — which I rename in this work as Trilha dos Escravizados — and on the Rego das Cabaças as spaces of memory and cultural resistance, employs Suely Rolnik's methodology of sentimental cartography to map the physical and subjective dimensions of these trails in the Central Plateau. By integrating geographic maps with personal narratives, the study seeks to uncover forgotten meanings and to connect the space to collective memory. The research analyzes the trail as a testimony to the suffering and resilience of local communities, reflecting the transformations experienced over time. The Trilha dos Escravizados and the Rego das Cabaças become symbols of the brutality of the colonial system, highlighting the impact of slavery on the formation of the region's social and territorial identity. The dissertation emphasizes the importance of preserving this heritage, threatened by oblivion, and promotes discussions about history, memory, and identity. Sentimental cartography enables the recovery of local histories, strengthens cultural ties, and inspires new reflections on practices of preservation and cultural resistance. The methodology proposed by Rolnik proves essential for revealing the emotional, historical, and symbolic imprints present in the Trilha dos Escravizados and the Rego das Cabaças. The research shows how interaction with the Cerrado landscape shaped cultural narratives and how memory persists despite the historical erasure imposed by colonization and urbanization. By analyzing the Trilha dos Escravizados as a "mosaic of stories," the dissertation demonstrates how the experiences of enslaved people, explorers (bandeirantes), and their interaction with nature intertwine, creating a web of meanings that challenge linear interpretations of history. It concludes that the sentimental approach, by mapping the subjective traces of history in space, contributes to building a more just and inclusive collective memory, recognizing the importance of the Trilha dos Escravizados and the Rego das Cabaças as spaces of resistance and cultural resilience.

Keywords: Trilha dos Escravos, Trilha dos Escravizados, sentimental cartography, cultural memory, local history

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Trilha dos Escravizados.....	15
Figura 2. Raio X da lesão na fíbula e tíbia.....	16
Figura 3. Rego das Cabaças.....	20
Figura 4. Localização do Rego da Saia Velha.....	21
Figura 5. Ruína das obras feitas pelos 2 mil escravizados.....	21
Figura 6. Arraial de Santa Luzia.....	23
Figura 7. Parte da Trilha dos Escravizados original.....	24
Figura 8. Obra executada pelos escravizados.....	25
Figura 09. Igreja de Santa Luzia, só para brancos.....	26
Figura 10. Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....	28
Figura 11. Igreja do Rosário.....	29
Figura 12. Rego das Cabaças.....	30
Figura 13. Trajeto no Morro do Falcão.....	31
Figura 14. Canal escavado pelos escravizados.....	32
Figura 15. Marcas feitas pelos escravizados.....	33
Figura 17. Localização da Trilha.....	34
Figura 17. Vegetação local.....	35
Figura 18. Marcas nas rochas.....	45
Figura 19. Trilha dos Escravos no Google Maps.....	47
Figura 20. Trilha dos Escravos na caminhada com voluntários.....	48
Figura 21. Paisagem da Trilha dos Escravos.....	65

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1. A HISTÓRIA E A TRILHA DOS ESCRAVIZADOS.....	20
1.1. O Rego da Saia Velha: uma trilha pela memória histórica e cultural do Planalto Central.....	20
1.2. A história do lugar.....	23
1.3. Trilha dos Escravizados.....	30
1.4. Formação territorial.....	34
1.5. O Impacto da Omissão Pública.....	36
CAPÍTULO 2. Metodologia.....	37
2.1. O reaparecimento - Que lugar é esse?.....	37
2.2. Uso de Ferramentas Tecnológicas.....	41
CAPÍTULO 3: A Cartografia.....	43
3.1. O Espaço e habitar.....	43
3.2. Cartografia e o pensamento de Deleuze e Guattari.....	43
3.3. Strava e Google Maps.....	46
3.4. Caminhar como processo.....	47
3.5. Caminhar.....	49
3.5.1. O Significado do Caminhar.....	49
3.5.2. A Conexão com a Natureza.....	49
3.5.3. Caminhar como Resistência: A Trilha dos Escravos e a Memória Coletiva.....	50
3.5.4. A caminhada segundo pensadores mencionados na obra de Gros.....	52
CAPÍTULO 4: A natureza e o homem.....	55
4.1. O caminhar no campo da Arte.....	55
4.2. O caminhar como processo.....	56
4.3. Caminhar em grupo.....	58
CAPÍTULO 5. Cartografia Sentimental.....	60
5.1. Mapear o invisível.....	60
5.2. Cartografia: um método multidimensional.....	60
5.3. O papel do pesquisador: descobrir para a academia descobrir.....	60
5.4. Cartografia Subjetiva e o Enraizamento Pessoal.....	61
CAPÍTULO 6. Apagamento: Trilha dos Escravos.....	62
6.1. Memória e resistência cultural.....	62
6.2. O resgate da memória: cartografia sentimental.....	63
6.3. Resistência cultural e ações locais.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS.....	68

INTRODUÇÃO

O campo do design é conhecido por sua complexidade conceitual e processual, levando a diversas tentativas de definição, todas buscando unificar suas atividades e vertentes. À medida que seu escopo de atuação e conhecimento se expande, o conceito de design se estende de maneira multidisciplinar e interdisciplinar, conectando-se a várias outras áreas do conhecimento e sendo influenciado por diferentes tendências e ideologias, como afirmado¹ por Bonfim (1997). Esse campo é caracterizado como móvel, incorporando experiências variadas, emoções, paixões, idiossincrasias² e o desconhecido. Portanto, a busca por uma definição única, como destacado³ por Brassat e Marenko (2015), desafia a natureza do design, que engloba várias práticas, cada uma caracterizada por uma multiplicidade de ideias e métodos.

Tanto o design quanto suas pesquisas e metodologias devem ser entendidos como uma forma interdisciplinar de exploração, ocorrendo em um espaço complexo e em constante evolução. Nessa perspectiva de incompletude, o design não é uma prática isolada ou singular, mas sim uma atividade que se desdobra em várias instâncias e habilidades, envolvendo diferentes contextos sociais e fatores de uso, produção e aplicação. São essas variáveis que determinam seus processos e métodos, adaptando-se a cada situação específica. O design é, portanto, um percurso contínuo, uma jornada única que se desdobra de diversas maneiras e que se constrói por meio de um processo de aprendizado moldado durante o caminhar.

Brassat e Marenko (2015) exploram as relações entre a filosofia de Deleuze e a criação de conceitos no design, analisando a ideia deleuziana de que “Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas”⁴. Esse enfoque oferece uma nova maneira de pensar sobre a filosofia e o design, considerando a interconexão de diversas atividades criativas em diferentes contextos, resultando em uma rede complexa de significados e possibilidades.

Simon e Buchanan (2015) também argumentam que ao adotar a perspectiva de Deleuze no design, é essencial considerar as contínuas transformações no campo. À medida que o design se expande, ele se torna mais adaptável e flexível, superando métodos e normativas rígidas. Conforme proposto pelo pensamento deleuziano, o design é uma prática revolucionária que constantemente gera novos conceitos, liberados das imposições normativas, integrando teoria e prática, pesquisa e

¹ BONFIM, G. A. *Fundamentos de uma Teoria Transdisciplinar do Design: morfologia dos objetos de uso e sistemas de comunicação*. Estudos em Design, ano V, n. 2, Rio de Janeiro, 1997.

² Para o dicionário *Houaiss* ela é uma predisposição particular do organismo que faz que um indivíduo reaja de maneira pessoal à influência de agentes externos; é uma característica comportamental peculiar a um grupo ou a uma pessoa.

³ BRASSET, J.; MARENKO, B. *Assembling Design and Deleuze*. In: BRASSET, J.; MARENKO, B. (Orgs.). *Deleuze and Design*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.

⁴ DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 04

investigação, tecnologias digitais, novas mídias, questões sociais e políticas, ciência, arte, responsabilidade social e participação da sociedade.

Antonioli (2015) explora a relação entre o projeto ecosófico de Guattari e as publicações contemporâneas de design, focando na ecosofia como uma articulação de três dimensões: ambiente, relações sociais e subjetividades humanas. Na perspectiva ecosófica de Guattari, a natureza é vista como um conjunto fragmentado e rizomático, sempre envolvido na transformação de tecnologias, cultura e sociedade.

Dessa forma, na visão de Deleuze e Guattari, o método cartográfico se apresenta como uma maneira dinâmica e adaptável de compreender a complexidade de qualquer objeto de estudo e conceber a pesquisa, permitindo que o pesquisador explore seu campo de estudo de forma mais profunda e interconectada (ROMAGNOLI, 2009).

Dessa forma, a compreensão da complexidade de fenômenos e a necessidade de métodos dinâmicos e interconectados, como o método cartográfico na visão de Deleuze e Guattari, fundamentam a escolha de uma abordagem multidisciplinar para investigar a Trilha dos Escravizados. A integração de perspectivas sociológicas, antropológicas e etnográficas se apresenta, então, como um caminho metodológico coerente com a natureza multifacetada do objeto de estudo.

A proposta deste trabalho assume uma abordagem multidisciplinar, essencial para compreender a complexidade da Trilha dos Escravizados. A integração de perspectivas sociológicas, antropológicas e etnográficas permite um mergulho profundo nos aspectos históricos, culturais e simbólicos desse espaço. A sociologia contribui para analisar as relações sociais e estruturas de poder que moldaram a região, enquanto a antropologia oferece ferramentas para compreender as práticas culturais e as experiências humanas ao longo do tempo. A etnografia, por sua vez, possibilita uma investigação imersiva e participativa, destacando as narrativas e memórias coletivas das comunidades locais. Essa abordagem não apenas amplia o campo de análise, mas também enriquece a compreensão da Trilha dos Escravizados como um espaço de significados multifacetados, onde o passado e o presente se entrelaçam em um tecido complexo de história e experiência.

Destaca-se que o mapeamento do local e o registro de sua história já são, por si só, uma contribuição relevante para o mestrado, considerando a ausência de registros acadêmicos anteriores. Nesse contexto, a ideia de “cartografia sentimental”, desenvolvida por Suely Rolnik, fornece os rumos e o embasamento teórico principal para este texto. Rolnik propõe uma abordagem que alia os aspectos objetivos e subjetivos do espaço, considerando não apenas sua dimensão física, mas também as marcas emocionais, históricas e simbólicas que ele carrega. Assim, esta pesquisa não se limita ao levantamento material da Trilha dos Escravizados, mas busca compreender as nuances

afetivas e existenciais que permeiam sua história, consolidando uma contribuição teórico-prática inovadora.

Diante da complexidade do objeto de investigação e da opção por um enfoque multidisciplinar alicerçado na lógica cartográfica de Deleuze e Guattari, este trabalho propõe um exercício de mapeamento que se ancora na historicidade dos percursos. A intenção central reside em revisitar, sob uma lente contemporânea, os caminhos trilhados por pessoas negras escravizadas no século XVIII, tomando a Trilha dos Escravizados não apenas como um traçado geográfico, mas como um espaço saturado de memória, conflito e resistência.

A cartografia aqui proposta não se restringe à função descritiva da geolocalização; ela se desenha como um campo de leitura que entrelaça dimensões materiais e imateriais, tornando-se ponto de partida para uma apreensão mais densa das vivências que se inscreveram nesse território. Nesse sentido, mais do que um exercício técnico de registro, a prática cartográfica assume um caráter investigativo, que incorpora aspectos físicos, históricos, sociais e afetivos da paisagem. A jornada do pesquisador, portanto, não se esgota no ato de demarcar espacialmente os rastros do passado, mas exige um engajamento com as camadas de tempo e experiência que se sobrepõem nesse cenário.

Dessa maneira, a cartografia elaborada neste estudo se apresenta como uma ferramenta metodológica que permite reativar o passado à luz do presente, buscando nos vestígios materiais da trilha os ecos de uma história marcada pela dor e pela resistência. A proximidade com a noção de "cartografia sentimental", delineada por Suely Rolnik, torna-se aqui evidente: o mapeamento não opera apenas sobre superfícies tangíveis, mas se expande para captar as inscrições subjetivas, os afetos sedimentados e as tensões que ainda ressoam no espaço. Assim, o ato de cartografar converte-se em um dispositivo de escuta e interpretação, um meio de ressignificar as camadas de sentido que atravessam a Trilha dos Escravizados, devolvendo-lhe a espessura que o tempo e a história, muitas vezes, tentaram soterrar.

Falaremos sobre a Trilha dos Escravizados - objeto deste estudo - por fazer parte da história da região onde nasci, cresci e vivo até os dias atuais. Nesse período, negros escravizados foram transportados de Santa Luzia, em Minas Gerais, para Luziânia, por meio das explorações de ouro realizadas pelos bandeirantes ao longo do Rio Vermelho. Ainda hoje, vestígios da obra realizada por 2.000 negros escravizados no século XVIII durante os tempos do Arraial Santa Luzia podem ser

encontrados⁵. Nesse processo, milhares de escravizados morreram ali. Esses vestígios⁶ se estendem por 9 dos 42 quilômetros de um canal construído para transportar água desde a região que atualmente corresponde ao Gama (DF) até o município de Luziânia. As matas que cobrem as encostas das colinas e serras na região do Entorno escondem os sinais da construção bicentenária.

Figura 1. Trilha dos Escravizados



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2021)

Curiosamente, conheci a Trilha dos Escravizados somente em 2021, durante a pandemia do coronavírus numa experiência de caminhada por trilhas com um grupo de amigos. Foi nesse trajeto que, pela primeira vez, deparei-me com a cruel história que precede aquela região. Uma lesão na fíbula e tíbia, resultante de uma torção ao escorregar nos cascalhos soltos do solo na trilha, me deixou incapacitado de levantar da cama por três meses, período durante o qual pesquisei sobre o local. Com grande revolta e indignação, descobri como aquela trilha foi rebatizada por autoridades locais, na tentativa de apagar toda a história perversa e cruel que ali aconteceu.

⁵ **TOREZAN, Evandro.** A Trilha dos Escravos e o Rego das Cabaças. *Ser Pedalante*, Brasília, 13 jul. 2024. Disponível em: <https://serpedalante.com/2024/07/13/a-trilha-dos-escravos-e-o-rego-das-cabacas/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

⁶ **ÚLTIMA PARADA.** Descendentes de escravos preservam a memória e costumes dos ancestrais. *Última Parada*, 25 jan. 2012. Disponível em: <https://ultimaparada.wordpress.com/2012/01/25/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

Figura 2. Raio X da lesão na fibula e tibia



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2021)

Apesar de ter crescido no bairro Setor Aeroporto, onde cruza a GO 425, uma das vias que dão acesso à trilha, e tê-la visto por diversas vezes, era para mim desconhecida sua verdadeira história, sem compreender que aquele local estava intrinsecamente ligado à história da própria cidade.

Durante esse período de introspecção e recuperação, diversas perguntas surgiram, levantando questionamentos profundos sobre o que aconteceu ali, como aconteceu, por que foi construído da forma como foi e quais caminhos foram percorridos naquela época, e como nunca havia notado que o caminho que fazia diariamente, levava a outro, desconhecendo a própria formação geográfica de minha cidade natal. As indagações iniciais levaram-me à compreensão da necessidade de uma investigação mais aprofundada, pois toda essa história estava intrinsecamente relacionada comigo, com meu contexto e minha identidade.

A experiência vivida trouxe robustos argumentos para propor a pesquisa apresentada no Programa de Pós-graduação em Design. O design é entendido sob a perspectiva de Brassett e Marenko, quando possibilita⁷ interconexão de diferentes contextos, de significados e possibilidades. Como contribuição para o campo de estudos, vem buscando compreender histórica e analiticamente a relação espaço e o tempo - memória tempo - na perspectiva Deleuziana.

Diferentemente dos métodos tradicionais da ciência moderna, que estabelecem uma separação rígida entre o objeto científico e o cientista, a cartografia integra o pesquisador em um

⁷ BRASSETT, Jamie; MARENKO, Betti. *Affective ontologies: Design, objects and digital theory*. Design Studies, v. 48, p. 100–117, 2017.

território subjetivo, ou não, assumindo o papel de participante e intervencionista. Esse método se caracteriza pela investigação de um processo de produção, sem restrições pré-definidas ou regras predeterminadas a serem aplicadas (KASTRUP, 2009). A produção de conhecimento desse modo interfere ativamente, instigando reflexões e levantando questionamentos, visando retomar a memória da construção e os danos de um território específico (SANTOS, 2010).

A história de Luziânia e do canal das cabaças traz consigo uma série de eventos marcantes e reveladores da dinâmica social e cultural da época. A análise desses eventos nos permite entender o contexto histórico, as relações de poder, os conflitos e as transformações ocorridas na região.

A interconexão entre conhecer e descobrir é inerente à natureza cartográfica, pois, em uma escala micropolítica, as influências surgem dos encontros e se desenvolvem de forma mútua, considerando indivíduos, eventos, contextos e estruturas sociais (ROMAGNOLI, 2009). É fundamental ressaltar aqui a importância do pesquisador nesse processo. É por meio do encontro entre suas percepções e experiências com o campo de estudo que a compreensão da realidade transcende a dicotomia entre sujeito e objeto.

A participação ativa do pesquisador, que constitui o ponto de ancoragem da cartografia, está intrinsecamente vinculada à relação entre saber e prática, pois o conhecimento emerge organicamente da ação; é uma experiência de saber “com” em vez de saber “sobre”. Trata-se de um conhecimento que se revela, que surge da prática. Esse princípio da experiência orienta a pesquisa do saber prático para a prática do saber, da teoria na vivência a vivência na teoria. Aqui desvendamos o “caminho” metodológico (PASSOS e BARROS, 2009).

A experiência vivida trouxe robustos argumentos para propor a pesquisa apresentada no Programa de Pós-graduação em Design. Sob a inspiração teórica de Suely Rolnik, o design é entendido como uma prática que transcende a materialidade, conectando memória, afeto e resistência cultural. Assim, ao integrar a cartografia física e subjetiva, busca-se redescobrir significados esquecidos e criar conexões entre o espaço e as narrativas pessoais, promovendo um olhar ampliado sobre a história e a experiência vivida.

O mapeamento do local e o registro de sua história se tornam ainda mais significativos quando se considera que a própria descoberta desse lugar, que estava caindo no esquecimento da memória coletiva. A perda de memória histórica e cultural, frequentemente resultante pela falta de registros ou pelo abandono de certos locais ao longo do tempo, é um fenômeno que pode despojar a sociedade de uma parte fundamental de sua identidade e compreensão do passado.

Ao realizar o mapeamento e o levantamento histórico deste local, não apenas se está contribuindo para o preenchimento de uma lacuna acadêmica, mas também para a preservação e revitalização da memória de uma região que corria o risco de ser esquecida. O ato de redescobrir e

documentar esse espaço perdido da história, que já não figurava entre os saberes e narrativas predominantes, cumpre um papel essencial no processo de recuperação da identidade cultural e histórica de um determinado povo ou comunidade.

Essa contribuição, por si só, não pode ser subestimada. O fato de que o local estava à margem da memória coletiva — talvez por omissão, do tempo ou da falta de interesse acadêmico — é um indicativo de como a história de certos lugares pode ser esquecida e deixada de lado. Assim, a pesquisa realizada não apenas pretende colocar esse local novamente em evidência, mas também resgatar uma parte da história que poderia ter sido permanentemente perdida. Esse resgate tem um impacto não apenas no campo acadêmico, mas também na sociedade, ao fornecer as bases para uma reconstrução mais fiel e abrangente da narrativa histórica de um determinado espaço geográfico e cultural.

Esse aparecimento da trilha torna-se, para mim, ainda mais valioso, pois não se trata de um simples ato de preencher uma lacuna, é uma ação de restituição do valor histórico de um local que, sem a pesquisa, poderia ter permanecido apagado da memória coletiva. Ao dar visibilidade a esse local e registrar sua história, o estudo se torna uma peça essencial para a ampliação do conhecimento sobre a diversidade de histórias e experiências humanas que, por diversas razões, foram marginalizadas ao longo do tempo.

Portanto, a relevância deste trabalho transcende a simples análise de um espaço geográfico. Ela está, essencialmente, em sua capacidade de resgatar uma parte do patrimônio cultural e histórico que corria o risco de desaparecer do discurso e da lembrança das futuras gerações. Isso não só amplia o entendimento sobre o local em questão, mas também instiga novas perguntas, debates e reflexões sobre como e por que certas partes da história são relegadas ao esquecimento e como a academia pode e deve trabalhar para corrigir essas omissões.

Nesta dissertação, organizada em seis capítulos, além desta introdução e das considerações finais, pode-se encontrar o Capítulo 1, intitulado “A História e a Trilha dos Escravizados”, explora a formação histórica da Trilha dos Escravizados, também conhecida como Trilha dos Escravos, abordando o Rego da Saia Velha e os eventos que marcaram a região. O Capítulo 2, “Metodologia”, detalha a abordagem metodológica adotada, incluindo a redescoberta da trilha, o uso de ferramentas tecnológicas e a revisão integrativa. O Capítulo 3, “A Cartografia”, discute a cartografia como método de pesquisa, explorando o espaço, o habitar, e a influência de Deleuze e Guattari, e o caminhar como processo. O Capítulo 4, “O Caminhar no Campo da Arte”, examina a importância do caminhar na arte, com ênfase nas obras de Richard Long e Hamish Fulton. O Capítulo 5, “Cartografia Sentimental”, introduz a cartografia sentimental de Suely Rolnik, destacando o mapeamento do invisível e o papel do pesquisador. Por fim, o Capítulo 6, “Apagamento: Trilha dos

Escravizados”, analisa o processo de apagamento da memória da Trilha dos Escravizados e a importância da resistência cultural. As considerações finais, por sua vez, trazem uma síntese dos achados da pesquisa e suas implicações para o campo de estudo."

CAPÍTULO 1. A HISTÓRIA E A TRILHA DOS ESCRAVIZADOS

1.1. O Rego da Saia Velha: uma trilha pela memória histórica e cultural do Planalto Central

O Rego da Saia Velha⁸, também conhecido como Rego das Cabaças (Figura 3), constitui uma significativa obra de engenharia do período colonial brasileiro, situada no Planalto Central. Essa estrutura, além de evidenciar a exploração aurífera na região, está profundamente ligada às memórias de luta, resistência e sofrimento dos povos escravizados que desempenharam um papel fundamental em sua construção. Criado com o propósito de transportar água das cabeceiras do Rio Saia Velha até o centro de Luziânia, o canal visava suprir a demanda da Mina do Cruzeiro e de outras jazidas auríferas da região. Com uma extensão original de 42 quilômetros, a obra foi edificada entre 1768 e 1770, empregando forçadamente aproximadamente 2 mil escravizados no intenso trabalho de escavação e canalização (BERTRAN, 2004).

Figura 3. Rego das Cabaças



Nota: Hoje, o Rego das Cabaças culmina numa cachoeira localizada a 17 quilômetros de Luziânia, com acesso pela GO-010 e mais 8 quilômetros por estrada de terra. O local é aberto à visitação.

Fonte: TV Anhanguera

A descoberta de ouro no Planalto Central⁹, em 1746, por Antônio Bueno de Azevedo, impulsionou a fundação do arraial de Santa Luzia, atualmente Luziânia. Durante o século XVIII, a busca por ouro intensificou-se nos rios e chapadas da região, mas a escassez de água nos altiplanos

⁸ BERTRAN, Paulo. *História do Homem e da Terra no Planalto Central*. Rio de Janeiro: Editora XYZ, 2004

⁹ LINHARES, José. *A História da Mineração no Planalto Central: O Rego da Saia Velha*. Brasília: Editora ABC, 1987.

impunha um grande desafio à mineração. Diante dessa dificuldade, mineradores, em parceria com o engenheiro Manoel de Bastos Nerva, planejaram e executaram a construção do Rego da Saia Velha como solução para suprir a falta de água essencial ao beneficiamento do ouro (Linhares, 1987).

Figura 4. Localização do Rego da Saia Velha



Fonte: Retirado do Canal Ser Pedalante no YouTube

Figura 5. Ruína das obras feitas pelos 2 mil escravizados



Fonte: Retirado do Canal Ser Pedalante no YouTube

O canal foi concluído¹⁰ em setembro de 1770, após dois anos de trabalho exaustivo. Contudo, com o esgotamento das minas auríferas na região, sua funcionalidade foi gradativamente reduzida, resultando no abandono da estrutura. A ausência de manutenção e o avanço da urbanização provocaram a destruição progressiva do canal, restando atualmente apenas fragmentos de sua construção original (MEIRELES & REIS, 1920). Apesar disso, o traçado do rego ainda pode ser percorrido pela “Trilha dos Escravizados”, que atravessa parte da região, permitindo a observação de vestígios da obra e da vegetação densa que cresceu em seu leito devido à umidade persistente. Esse percurso oferece uma experiência imersiva, proporcionando aos visitantes um contato direto com as transformações ambientais e históricas que moldaram o local (Bertran, 2004).

Um episódio emblemático relacionado ao canal dá origem ao nome “Rego das Cabaças”. Durante a construção, o major José Pereira Lisboa teria questionado a viabilidade da obra em levar água até a Mina do Cruzeiro. Em resposta, um dos sócios responsáveis pelo projeto, João Pereira Guimarães, realizou uma demonstração pública, liberando as águas do canal e utilizando cabaças como flutuadores. O evento causou alvoroço na cidade de Santa Luzia e consolidou a denominação popular da estrutura (MEIRELES & REIS 1920). Esse episódio reflete as tensões sociais e políticas da época, marcadas pelas disputas de poder entre os mineradores e os desafios da engenharia colonial.

A preservação dos vestígios do Rego da Saia Velha representa uma oportunidade singular para a reflexão sobre a memória histórica e ambiental do Planalto Central. A trilha que segue o curso do antigo canal não apenas permite um mergulho na paisagem natural, mas também convida à reflexão sobre os impactos da escravidão e da exploração econômica que marcaram a construção do canal. O sofrimento e a resistência dos trabalhadores escravizados estão entranhados nessa estrutura, tornando-a um espaço de memória que ressignifica a relação entre natureza, história e sociedade (BERTRAN, 2004).

O Rego da Saia Velha, mesmo em ruínas, transcende sua função original de canal de mineração e se estabelece como um marco histórico e patrimonial. O percurso que acompanha seu leito remanescente é um convite para rememorar e refletir sobre os impactos da escravidão e da exploração no Brasil colonial. Ao mesmo tempo, a paisagem preservada sugere um campo rico para pesquisas e discussões sobre a formação social e ambiental do Planalto Central, perpetuando a importância desse patrimônio para as gerações futuras.

¹⁰ MEIRELES, Evangelino; REIS, Gelmires. *Almanach de Santa Luzia*. Luziânia: Editora Santa Luzia, 1920.

1.2. A história do lugar

O arraial de Santa Luzia surgiu¹¹ por volta do ano de 1746, quando o bandeirante Antônio Bueno de Azevedo encontrou ouro nas margens do Rio Vermelho. O rápido crescimento da região permitiu sua elevação à categoria de Julgado em 30 de outubro de 1749 e, posteriormente, à condição de Freguesia em 1756, por força de Alvará Régio. A ascensão administrativa continuou e, em 1º de abril de 1833, Santa Luzia foi elevada a Vila, tornando-se cidade em outubro de 1867.

Figura 6. Arraial de Santa Luzia



Fonte: ONG Proteger LZA

Os estudos sobre o período escravocrata em Goiás são escassos, tornando ainda mais relevante a pesquisa sobre Santa Luzia, dada sua intensa exploração mineradora e as marcas profundas deixadas na cultura e na população local. Desde o século XVIII, a presença de mineradores levou a um grande influxo populacional. A utilização massiva de mão de obra escravizada desperta curiosidade histórica, especialmente no que tange à Trilha dos Escravizados, uma rota de grande significado para a compreensão da dinâmica escravista na região

¹¹ ALVARES, Joseph de Mello. História de Santa Luzia - Luziânia: descrição histórica, política e geográfica de Santa Luzia. Brasília, Gráfica e Editora Independência Ltda, 1978

Figura 7. Parte da Trilha dos Escravizados original



Fonte: Retirado da Página Sombra do Tamboril no Facebook (2025)

A iniciativa de Antônio Bueno em explorar novas minas de ouro na região de Luziânia provocou debates acirrados entre os proprietários de terras locais. Entre eles estava o major José Pereira Lisboa, figura polêmica da história regional. A discordância entre Lisboa e Bueno atingiu um ponto crucial quando se discutiu o método de transporte da água do Saia Velha para as minas do Cruzeiro. Enquanto Bueno propunha um rego ou canal, Lisboa ironizou, sugerindo que a água fosse transportada em cabaças. O sarcasmo chegou¹² aos ouvidos dos financiadores do projeto, que, em resposta, aceleraram a construção do canal.

A obra foi concluída em 11 de setembro de 1770, um evento marcado por uma atmosfera festiva entre os senhores de escravizados e de tumulto entre os trabalhadores forçados. O historiador goiano Gelmires Reis registra que, durante a inauguração, o dique das Terras Altas foi aberto, gerando uma torrente de água que arrastou cabaças pela Rua do Rosário, criando um ruído característico. Mais de cem escravizados entoavam cantos de protesto ao som ritmado dos porretes

¹² **ALVES, Renato.** Conheça a obra feita por dois mil escravos para levar água a Luziânia. *Correio Braziliense*, 12 dez. 2016. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/12/interna_cidadesdf.560953/conheca-a-obra-feita-por-dois-mil-escravos-para-levar-agua-a-luziania.shtml. Acesso em: 26 abr. 2025.

quebrando as cabaças, em um ato de resistência e ironia: “Água trouxe cabaça, cabaça não trouxe a água”.

Figura 8. Obra executada pelos escravizados



Fonte: Adaptada da Página Sombra do Tamboril no Facebook

A reação de Lisboa foi violenta. Tomado pela fúria, armou-se e percorreu as ruas, atacando o juiz José Rodrigues Costa. Em um ato de ultraje simbólico, arrancou a peruca do magistrado, insultando sua autoridade. Por conta do caos gerado, Lisboa foi preso e conduzido a Vila Boa, então capital do estado, em 15 de outubro de 1771. Apesar disso, sua história não terminou com a prisão. Dois anos depois, foi libertado e retornou a sua terra natal, onde foi recebido por uma multidão de cerca de dois mil simpatizantes que o viam como um personagem controverso e, de certa forma, heroico.

Enquanto Lisboa protagonizava¹³ esses eventos, a história de Santo Antônio do Descoberto, então distrito de Luziânia, seguia seu próprio curso. A mineração na região foi interrompida em 1746, mas retomada em 1757 por José Pereira de Lisboa. Seguindo uma lenda local que prometia ouro abundante, montou um acampamento na margem direita do Rio Descoberto e obrigou escravizados a trabalharem em jornadas extenuantes. Durante sua estada, expandiu a capela dedicada a Santo Antônio de Pádua, transformando-a no altar-mor da capela ampliada. Essa construção reforçava sua influência na região e demonstrava a relação entre o poder econômico e a devoção religiosa da época.

Para celebrar o retorno de Lisboa, uma missa de Ação de Graças foi realizada na Igreja Matriz, construída em 1767 exclusivamente para a comunidade branca. Já os negros frequentavam a Igreja do Rosário, que se tornou o mais emblemático monumento histórico de Luziânia, preservando sua estrutura original até os dias atuais.

Figura 09. Igreja de Santa Luzia, só para brancos



Fonte: Página Sombra do Tamboril no Facebook

Com o declínio da mineração entre o final do século XVIII e o início do XIX, o canal perdeu sua utilidade. A economia da região se voltou para a agricultura de subsistência e a pecuária extensiva, causando uma queda significativa na população, de dez mil habitantes no auge da

¹³ **MATA, Carlos Carvalho da.** História de Santo Antônio do Descoberto. *Portal da Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Descoberto*, [s.d.]. Disponível em: <https://www.santoantoniododescoberto.go.gov.br/antigo/a-cidade/historia-de-santo-antonio-do-descoberto/>. Acesso em: 26 fev. 2025.

mineração para pouco mais de dois mil. Muitos escravizados libertos ou fugidos formaram comunidades próximas às fazendas, dando origem ao povoado de Mesquita.

Hoje, Mesquita é reconhecida como uma área remanescente de quilombo, abrigando cerca de 300 famílias que mantêm modos de vida semelhantes aos de seus antepassados. A economia local gira em torno do cultivo de goiaba, laranja, cana-de-açúcar e mandioca. Contudo, a marmelada, produzida a partir do marmelo cultivado na região, destaca-se como o último resquício de uma tradição quase extinta.

A história de Santa Luzia e de seus arredores é uma narrativa de ascensão, conflito e resistência. A mineração deixou sua marca indelével na região, tanto na paisagem quanto na estrutura social, e a memória desse passado ainda ressoa nas comunidades que ali persistem.

Com o crescimento econômico, houve um aumento significativo da população africana escravizada, que desempenhava papel fundamental nas atividades mineradoras e na construção civil. No entanto, essa população enfrentava severas restrições sociais e religiosas. A Igreja Matriz, erguida entre 1765 e 1767, era destinada exclusivamente aos brancos, refletindo a segregação racial vigente na sociedade colonial brasileira. Essa exclusão motivou a comunidade negra, composta por mais de 400 pessoas entre escravizados e libertos, a buscar um espaço próprio para a prática de sua fé e preservação de suas tradições culturais (REIS, 2018).

A iniciativa de construir a Igreja de Nossa Senhora do Rosário partiu da própria comunidade negra, que, diante da exclusão imposta, organizou-se para arrecadar os recursos necessários. Por meio de esmolas e doações, conseguiram acumular uma quantia significativa, totalizando duas mil e cem oitavas de ouro em um período de vinte e sete meses. Além disso, havia promessas de contribuições mensais de, no mínimo, cento e cinquenta oitavas até a conclusão da obra. Essa mobilização demonstra a determinação e a coesão da comunidade em criar um espaço que representasse sua fé e sua identidade cultural (REIS, 2018).

Figura 10. Igreja de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Arquivo da IFG (2016)

Iniciada em 1746, a construção da Igreja do Rosário foi um empreendimento coletivo, realizado majoritariamente pelas mãos dos próprios escravizados. Utilizando técnicas construtivas tradicionais da época, como o uso de pedra e madeira, a edificação foi concluída em 1769. A igreja tornou-se um símbolo de resistência cultural e espiritual, funcionando como um espaço para celebrações religiosas, encontros comunitários e preservação de tradições afrodescendentes (ALMEIDA, 2014).

A Igreja do Rosário apresenta características arquitetônicas simples, mas repletas de significados simbólicos. Seu assoalho de madeira abriga 87 túmulos numerados, uma prática comum no período colonial. Apesar da numeração, os túmulos nas igrejas frequentadas por povos escravizados não trazem qualquer referência à identidade daqueles que ali estão sepultados. Essa prática era recorrente nas igrejas brasileiras destinadas aos escravizados, funcionando como um mecanismo de apagamento de suas identidades. Esses túmulos refletem a importância do espaço como lugar de memória, onde os corpos de membros da comunidade negra foram sepultados, perpetuando sua presença no território. Além disso, o altar, dedicado a Nossa Senhora do Rosário, destaca a devoção da comunidade afrodescendente, que muitas vezes associava santos católicos a entidades do candomblé e de outras religiões de matriz africana (SANTOS, 2000).

Em 1967, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi tombada¹⁴ pelo patrimônio histórico e artístico de Goiás, reconhecendo sua relevância cultural e histórica para a região. Apesar disso, a preservação do edifício enfrenta desafios, como a degradação causada pelo tempo e a falta de recursos para restauração. Iniciativas comunitárias e projetos de pesquisa têm desempenhado um

¹⁴ GOIÁS (Estado). Lei nº 8.915, de 13 de outubro de 1980.

papel fundamental na conservação da igreja, destacando sua importância como um símbolo de resistência e identidade afro-brasileira (VIEIRA; MOURA, 2013).

A Igreja do Rosário está intimamente ligada à Trilha dos Escravizados, que conectava diferentes localidades e servia como rota para o transporte de recursos e pessoas durante o período colonial. Essa conexão geográfica e histórica reforça a importância da igreja como parte de um conjunto maior de patrimônio cultural. A trilha e a igreja, juntos, formam um testemunho das contribuições e das adversidades enfrentadas pelos afrodescendentes na formação de Luziânia e na construção do Brasil como nação.

Figura 11. Igreja do Rosário



Fonte: Diego Bernadini

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário não é apenas um monumento religioso, mas também um marco da resistência e da luta por reconhecimento de uma comunidade marginalizada. Sua construção e preservação são exemplos do poder da organização coletiva e da resiliência cultural frente à opressão. Reconhecer e valorizar essa história é essencial para compreender a formação histórica de Luziânia e sua conexão com a memória afro-brasileira, consolidando a cidade como uma peça fundamental na história do Brasil colonial.

1.3. Trilha dos Escravizados

A trilha é singular, tanto em sua configuração física quanto no contexto social que envolve a formação territorial e as histórias dos negros escravizados que a percorreram. Por meio da cartografia histórica, podemos redescobrir esse local e trazer à tona as memórias e experiências daqueles que ali viveram. Inspirados pelo trabalho de Richard Long, percebemos que caminhar é uma experiência profunda capaz de atribuir significados e transformar a percepção do espaço. Ao aplicarmos a metodologia da cartografia, podemos mapear e entender a paisagem de maneira mais aprofundada, estabelecendo conexões entre a história e a natureza. Dessa forma, esperamos contribuir para uma compreensão mais completa deste local histórico e de sua importância social e cultural.

Figura 12. Rego das Cabaças



Nota: Rego das Cabaças (faixa horizontal escura de árvores) - Luziânia GO. Observando a encosta do morro ao longe é possível perceber por onde passava o Rego das Cabaças, um canal de 2m de largura e 2,8m de profundidade. O trecho preservado fica no morro do Falcão, em Luziânia GO. O Rego tinha 42km de extensão com 1mt de declive por km e foi todo construído pelos escravizados, saindo do Ribeirão Saia Velha até o local onde existia o garimpo de ouro situado próximo à Igreja do Rosário.

Fonte: ONG ProtegerLZA

Figura 13. Trajeto no Morro do Falcão



Fonte: Adaptado de TV Anhanguera

Na trilha, os negros escravizados começaram¹⁵ a escavar o canal em 11 de abril de 1768, usando apenas picaretas e pás (como pode ser visto na figura 15), além da assistência de burros e carros de boi para o transporte de materiais. Sua missão à época era desviar água de uma das cachoeiras do ribeirão Saia Velha, no lado brasiliense da atual fronteira entre o Distrito Federal e Goiás. No entanto, em vez de encontrar terra, os escravizados depararam-se com pedras. Sem alternativa, trabalharam incansavelmente, muitas vezes sob o chicote.

¹⁵ MADUREIRA, Priscila Jane. O CICLO DA MINERAÇÃO NO MUNICÍPIO DE LUZIÂNIA - GOIÁS: O REGO DO SAIA VELHA E AS ALTERAÇÕES NA PAISAGEM.. 2005. 66 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

Figura 14. Canal escavado pelos escravizados



Fonte: Adaptado do Canal do YouTube Ser Pedalante

Após permanecer encoberta pela vegetação por mais de dois séculos, a trilha foi redescoberta por ciclistas, que se uniram para limpar e revitalizar o percurso, transformando o que antes era uma lenda local em uma importante atração histórica e cultural. Além do canal, os mesmos escravizados construíram a Igreja do Rosário, erguida em 1746, como espaço religioso destinado aos negros que eram impedidos de frequentar a Igreja de Santa Luzia, reservada aos brancos.



(A1)



(A2)



(A3)



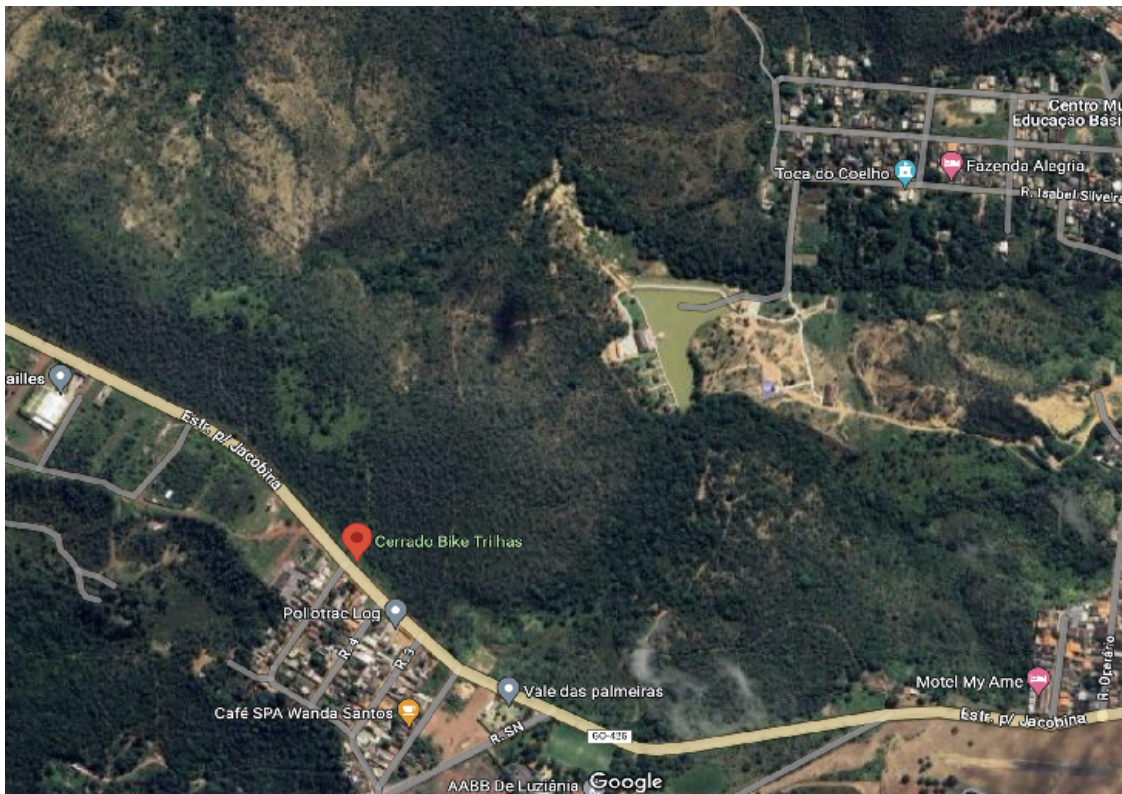
(B1)

Figura 15. Marcas feitas pelos escravizados

Fonte: Adaptado da TV Anhanguera

Nota: (A1, A2 e A3) Marcas de picareta, única ferramenta que contavam na época, pois em vez de encontrarem terra, encontraram pedras no caminho. (B1) Números cravados nas rochas

Figura 17. Localização da Trilha



Fonte: Adaptada do Google Maps (2023)

1.4. Formação territorial

A formação territorial do cerrado, enquanto objeto de estudo, assume uma importância crucial no contexto da Trilha dos Escravizados, não apenas como um cenário geográfico, mas como um elemento intrínseco à narrativa histórica e social que permeia esse caminho ancestral. O cerrado, classificado como o segundo maior bioma do Brasil, compreende uma área aproximada de dois milhões de quilômetros quadrados, cobrindo uma parte significativa do território nacional, especialmente na região central do país (SANO et al., 2008).

A complexidade geológica e as características climáticas únicas do cerrado moldam sua biodiversidade e estrutura vegetal. Este bioma, caracterizado por um solo ácido e pobre em nutrientes, abriga uma variedade de plantas adaptadas a essas condições adversas. Entre essas espécies adaptadas, destacam-se o pequi (*Caryocar brasiliense*) e o buriti (*Mauritia flexuosa*), cujas presenças são emblemáticas na paisagem do cerrado (COUTINHO, 1978).

No que tange à fauna, o cerrado é conhecido por sua diversidade de espécies animais, incluindo aves, mamíferos, répteis e insetos. A presença de animais como o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e a onça-pintada (*Panthera onca*) ressalta a riqueza da fauna endêmica desse ecossistema (PAGLIA et al., 2012). Estas características biológicas contribuem para a

singularidade do cerrado, fazendo dele um objeto de estudo valioso para pesquisas multidisciplinares, como aquelas que buscam entender o contexto histórico, cultural e de formação territorial da trilha.

Figura 17. Vegetação local



Fonte: Correio Braziliense

A relevância histórica do cerrado na trilha não pode ser subestimada. Essa rota, que representa um doloroso capítulo na história do Brasil, ganha uma dimensão mais profunda quando contextualizada dentro da paisagem natural do cerrado. A vegetação retorcida e a diversidade biológica desse bioma servem como testemunhas silenciosas das experiências vividas pelos escravizados que percorreram esse caminho séculos atrás.

Ao apontar essa perspectiva ecológica e histórica, esta pesquisa busca não apenas enriquecer nossa compreensão da trilha em questão, mas também lançar luz sobre a interação complexa entre o ambiente natural e a trajetória humana ao longo do tempo. O cerrado, como um palimpsesto ecológico e cultural, revela camadas de significado que aguardam ser exploradas em profundidade, prometendo contribuir significativamente para o campo da história social e ambiental do Brasil.

Ao adentrar o vasto território do cerrado brasileiro onde se localiza a trilha, encontro-me imerso em um cenário que se revela não apenas como uma paisagem física, mas como um espaço permeado por histórias não contadas, vivências passadas e uma conexão intrínseca com o ato ancestral de caminhar. Essa jornada evoca as palavras de Richard Long, um renomado artista britânico cujo trabalho é profundamente enraizado na prática do caminhar. Long não apenas

caminha; ele explora, descobre e registra. Suas pegadas marcam não apenas o solo, mas também a própria essência do caminho percorrido.

1.5. O Impacto da Omissão Pública

A mudança no trajeto da Trilha dos Escravizados, que antes se estendia por mais de cerca de 40 km até o Gama e hoje é interrompida pela falta de conservação e pela urbanização, ilustra bem o impacto da negligência pública na preservação de patrimônios históricos e culturais. A interrupção do percurso original reflete não só a perda de um espaço físico, mas também a perda de uma memória coletiva, que se desfaz à medida que os marcos históricos são apagados ou deixados de lado (Silva et al., 2023). O poder público, ao não investir na conservação de trilhas como esta, não só compromete a preservação de um patrimônio material, mas também enfraquece a identidade cultural das comunidades que dependem desses espaços para preservar suas histórias.

CAPÍTULO 2. Metodologia

2.1. O reaparecimento - Que lugar é esse?

O mapeamento de locais e a documentação de sua história desempenharam um papel fundamental, principalmente quando se trata de lugares que estavam caindo no esquecimento. Quando esses espaços, outrora vítimas da omissão ou ignorados, são reaparecidos, isso não representa agora apenas uma adição ao conhecimento acadêmico, mas também uma ação de resgate cultural e histórico. A falta de registros ou a simples omissão poderiam resultar na perda irreparável de uma parte essencial da identidade de um povo, privando-o de entender suas raízes e a complexidade de sua trajetória histórica.¹⁶ A preservação e recuperação dessas memórias é, sem dúvida, uma tarefa que transcende o campo acadêmico, tocando a sociedade de maneira mais profunda.

Opta-se, neste trabalho, pelo uso do termo "reaparecimento" em lugar de "descoberta", para reforçar a compreensão de que os espaços e trajetórias analisados já existiam historicamente, ainda que marginalizados ou omitidos das narrativas oficiais. A escolha conceitual dialoga com a crítica feita à ideia de "descobrimento" do Brasil, uma vez que o território e seus povos já existiam muito antes de serem avistados pelos portugueses. Da mesma forma, os lugares estudados não foram criados ou inaugurados pelo olhar contemporâneo: eles sempre estiveram presentes, carregando memórias, resistências e histórias que agora reaparecem no horizonte da pesquisa acadêmica e da consciência coletiva.

Muitas vezes, a ausência de registros históricos de determinados lugares não ocorre por acaso, mas é um reflexo de um processo que apaga da memória coletiva experiências e trajetórias que não se alinham com as narrativas dominantes. O mapeamento desses espaços esquecidos, portanto, não se limitou a restaurar¹⁷ um ponto geográfico, mas a devolver uma voz àqueles que foram silenciados. Ao recuperar a memória de lugares ou eventos que estavam à margem da história oficial, a pesquisa cumpriu um papel vital de reparação e de reconhecimento de uma parte importante da nossa formação como sociedade (TEACHY, 2025).

¹⁶ RABISCO DA HISTÓRIA. *Memória histórica: a importância da preservação dos registros do passado*. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/memoria-historica-a-importancia-da-preservacao-dos-registros-do-passado/>. Acesso em: 13 jan. 2025.

¹⁷ TEACHY. *Resumo de A Importância dos Marcos e Registros Históricos na Memória Coletiva*. Disponível em: <https://www.teachy.com.br/resumos/ensino-fundamental/3anoEF/historia/a-importancia-dos-marcos-e-registros-historicos-na-memoria-coletiva-Expositiva>. Acesso em: 13 jan. 2025.

O esquecimento de certos espaços não é simplesmente uma falha na lembrança, mas um fenômeno social e político que, muitas vezes, resulta na marginalização de determinadas histórias. Como destacado por Bertran (2004), a perda de memória histórica tem um impacto direto sobre a sociedade, pois apaga não só os detalhes de um passado, mas também a forma como esse passado molda a nossa percepção do presente e nos guia em nossas escolhas futuras. Quando a memória histórica é perdida ou distorcida, uma parte significativa da identidade de uma comunidade se dissolve, deixando um vácuo de conhecimento que pode ser muito difícil de preencher.

A investigação de lugares que estavam esquecidos ou negligenciados não se limita a resgatar dados ou acontecimentos específicos. O levantamento e a documentação desses locais é uma forma de devolver à história a visão de outros sujeitos que não haviam sido considerados na construção da narrativa predominante. Este é um processo de restituição que ressignifica o passado e nos ajuda a entender a complexidade das dinâmicas sociais, culturais e econômicas que moldaram o Brasil (TEACHY, 2025).

Em termos acadêmicos, o aparecimento de um lugar e a documentação de sua história representam mais do que a simples correção de um vazio no conhecimento. Trata-se de um processo de dar visibilidade a um espaço e a uma memória que, sem essa intervenção, poderiam ter permanecido omissos para sempre. A pesquisa histórica, ao recuperar o valor de um local, amplia a compreensão sobre o mundo e contribui para uma visão mais completa e plural da história.

Ao colocar em evidências locais que estavam fora do radar, a pesquisa não só recupera o valor histórico e cultural de um lugar, mas também reabre o debate sobre as omissões históricas que marcaram nossa formação. O mapeamento¹⁸ desses locais não só preenche lacunas, mas também abre espaço para novas discussões sobre os processos de marginalização e invisibilidade que ainda afetam muitas comunidades.

Por meio do mapeamento de locais esquecidos, a pesquisa acadêmica exerce uma função que vai além da simples análise de dados geográficos ou históricos. Ela resgata uma parte essencial da memória de um povo e contribui para que novas gerações compreendam as diversas facetas de sua identidade. A história de um lugar não está apenas no que ele representa fisicamente, mas também no impacto que ele teve em sua comunidade ao longo do tempo. Nesse sentido, o mapeamento serve não apenas como uma ferramenta acadêmica, mas também como um instrumento social de reconhecimento e valorização.

A pesquisa, ao devolver à memória coletiva esses locais e histórias esquecidos, não só amplia o horizonte acadêmico, mas também traz à tona as complexidades da formação da

¹⁸ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; FARIAS Jr., Emmanuel de Almeida (orgs). Povos e Comunidades Tradicionais: nova cartografia social. Manaus: UEA Edições, 2013.

identidade de uma região. O impacto desse resgate histórico, portanto, vai muito além do campo acadêmico, reverberando na sociedade e nos indivíduos ao fornecer uma compreensão mais profunda de sua própria trajetória (TEACHY, 2025).

A preservação do patrimônio histórico, material e imaterial, é uma forma de garantir que não apenas a memória, mas também as lições do passado, sejam transmitidas às futuras gerações. Ao fazer o mapeamento de locais e registrar sua história, a pesquisa histórica se torna uma ação de resistência contra o esquecimento e um meio de manter viva a memória de espaços que poderiam ter sido apagados pela dinâmica do tempo. A história recuperada é uma parte do patrimônio de uma sociedade e, como tal, tem o poder de alterar o curso de sua trajetória futura.

O mapeamento histórico vai além de um simples levantamento de dados; ele é um meio de garantir que todos os aspectos de uma história sejam conhecidos, discutidos e preservados. Ao dar visibilidade a locais e histórias que estavam invisíveis, a pesquisa acadêmica desempenha um papel essencial na construção de uma memória coletiva mais justa e inclusiva. Ao preencher essas lacunas, a academia cumpre não apenas uma função intelectual, mas também uma missão social, ao garantir que as várias narrativas do passado convivam no presente e no futuro, para que não sejam mais negligenciadas.

No contexto desta pesquisa, adotaremos uma abordagem metodológica fundamentada nos princípios da cartografia, visando mapear e compreender a Trilha dos Escravizados, um espaço marcado por uma história complexa e multifacetada. Como pesquisa de base exploratória, realizou, ao longo do primeiro ano, um levantamento detalhado de dados visuais por meio de imagens, documentos e mapas da região. Uma análise desses documentos, com descrições e registros visuais, incluindo fotografias, relacionados à trilha foi de muita relevância para a compreensão sobre a condução do processo de desenvolvimento da região, na etapa subsequente ao Exame de Qualificação.

Inspirado pelos conceitos de Gilles Deleuze e Félix Guattari sobre cartografia, este método representa uma maneira de problematização, integrando uma variedade de saberes e favorecendo a revisão de concepções tradicionais. Segundo Romagnoli (2009, p. 169/170), a cartografia “contribui para a articulação de um conjunto de saberes, inclusive outros que não apenas o científico, e favorece a revisão de concepções hegemônicas e dicotômicas.”

A concepção de cartografia desenvolvida por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* (1995) rompe com a lógica tradicional da representação fixa do espaço. Para os autores, a cartografia não busca reproduzir ou representar uma realidade pré-existente; ela se constitui como um método de acompanhamento dos fluxos, agenciamentos e transformações que atravessam o campo social e subjetivo. O mapa, ao contrário do calco, é aberto, dinâmico e suscetível a múltiplas entradas e

conexões, funcionando como um rizoma, uma estrutura não hierárquica, que se expande e se modifica continuamente. Assim, ao adotar a cartografia como ferramenta metodológica, a pesquisa se propõe a mapear os movimentos vivos e mutáveis do objeto de estudo, priorizando as forças em ação e a produção de sentido em sua dimensão processual. Trata-se, portanto, de uma abordagem que privilegia a experimentação e a criação de novos caminhos de compreensão, em vez da simples reprodução de saberes cristalizados.

A cartografia configura-se¹⁹ como um processo dinâmico e criativo, cuja prática é orientada por características fundamentais. Trata-se de um método processual e dinâmico, que acompanha os movimentos e mutações do campo de estudo, sem buscar fixá-los em estruturas rígidas. É também rizomática, ao rejeitar hierarquias e linearidades, privilegiando a multiplicidade de entradas, conexões e trajetórias possíveis. Sua natureza é criativa e experimental, permitindo a produção de novos modos de ver, sentir e interpretar as realidades mapeadas. Além disso, a cartografia é intrinsecamente política, na medida em que reconhece e intervém nas disputas de forças que atravessam os territórios sociais e subjetivos. Por fim, carrega uma dimensão ética, uma vez que exige do cartógrafo uma postura de escuta atenta, de respeito às alteridades e de compromisso com a emergência das singularidades no processo de pesquisa.

A cartografia permite problematizar os nossos modos de ser e agir, nos ajudando a reconhecer como reproduzimos ou não a subjetividade dominante, como a disputa de forças sociais nos compõem na vida, e no caso, na pesquisa. Assim, a análise cartográfica se orienta por uma dinâmica que percorre “os pontos, as linhas e a rede do rizoma, aplicando estratégias rizomáticas de análise e ação, percorrendo e desenhando trajetórias geopolíticas” (PRADO FILHO; TETI, 2013, p. 53).

A cartografia como método transcende as dicotomias tradicionais, buscando conexões e abrindo-se para o que afeta a subjetividade. Ela implica uma imersão do pesquisador no campo de estudo, onde suas percepções e vivências se entrelaçam com a realidade observada. A relação entre conhecer e intervir é fundamental, e a implicação do pesquisador no processo é crucial para uma compreensão mais profunda do território. Segundo Passos e Barros (2009), “o saber emerge naturalmente do fazer; uma experiência de saber 'com' e não um saber 'sobre'.”

Ao aplicar a cartografia neste estudo, estaremos atentos aos aspectos locais, às tradições, modos de vida e à história da comunidade envolvida. Além disso, consideramos os processos de produção locais, identificando elementos singulares que conferem aos produtos uma diferenciação competitiva baseada na origem e na associação com a cultura local, um conceito conhecido como

¹⁹ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.

terroir (MORAES, 2010). A metodologia cartográfica, assim, nos guiará de maneira flexível e sensível, permitindo que o caminho de nossa pesquisa seja moldado pelas experiências e pela complexidade do território, resultando em uma investigação rica e contextualizada.

Tem-se, concretamente, a intenção de resgatar a história da trilha. Foi utilizado assim, a abordagem metodológica que inclui a criação de mapas subjetivos em colaboração com a comunidade local, desenvolvendo o material de pesquisa. Nesse contexto, o território a ser mapeado está profundamente entrelaçado com os processos históricos de desenvolvimento e com as tentativas de apagar a memória local

Na base referencial, utilizaremos a Revisão Integrativa (RI) como método por possibilitar a apresentação do estágio atual de conhecimento sobre determinado assunto ou ainda por lançar luz acerca daqueles assuntos ainda pouco conhecidos (COOPER, 1982).

De acordo com Soares, C. et al. (2014) a RI é um tipo de revisão de literatura que acopla um montante de pesquisas desenvolvidas de diversas formas e permite que os revisores consigam sintetizar os resultados sem alterar suas bases epistemológicas. É importante que neste tipo de revisão o autor consiga identificar algo a ser revisado, justificar sua importância enquanto método apropriado, pesquisar a literatura adequada, analisá-la e criticá-la para assim criar novas formas de compreensão a respeito do tema estudado de forma que o leitor possa identificar as características dos estudos analisados e obter subsídios para a prática em pesquisa (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Realizamos esta RI com base nas etapas propostas por Cooper (1982) que são: formulação do problema, levantamento, avaliação, análise e interpretação de dados e apresentação dos resultados.

Para a elaboração da revisão deve-se proceder um levantamento bibliográfico e/ou documental que pode ser realizado em bases de dados, periódicos científicos, anais, livros, repositórios de bibliotecas, etc.

2.2. Uso de Ferramentas Tecnológicas

O mapeamento do trajeto percorrido e a documentação do percurso histórico foram realizados utilizando diversas ferramentas digitais, com destaque para o *Google Maps* e o aplicativo *Strava*. A escolha do *Google Maps* se deu pela sua capacidade de fornecer uma visão detalhada e precisa dos pontos de interesse, além de ser amplamente acessível. Ele foi essencial para a visualização geral do percurso e para ilustrar a localização de trechos importantes da trilha, especialmente na área urbana e nas proximidades de cidades como Luziânia e Novo Gama. Por sua

vez, o *Strava*, aplicativo amplamente utilizado por ciclistas e praticantes de atividades ao ar livre, foi fundamental para mapear a trilha real percorrida, registrando dados sobre a distância, o tempo e as altimetrias, proporcionando uma visão mais detalhada e precisa do trajeto atual.

No entanto, apesar da eficácia do *Strava*, cabe mencionar que a trilha original que conectava a região da *Trilha dos Escravos* até o município de Gama, que em tempos passados era acessível e bem definida, encontra-se atualmente inacessível. Isso se deve a diversas omissões do poder público, que permitiram que o caminho fosse obstruído e que sua manutenção fosse descontinuada, com a expansão urbana, causando a perda de parte significativa da história desse trajeto. Devido a isso, a trilha atualmente termina em Novo Gama, e não mais em Gama, como seria originalmente. Esse fato é especialmente relevante para a pesquisa, pois reflete a maneira como a urbanização e a falta de infraestrutura pública alteram e muitas vezes apagam os caminhos históricos.

O *Strava*, neste contexto, foi utilizado para gerar um mapa detalhado que reflete o percurso atual da trilha. Através dele, foi possível traçar a rota desde o início da *Trilha dos Escravos* até Novo Gama, com uma extensão de cerca de 45 km, e não mais os mais de 60 km que o percurso original alcançava. O trajeto atual, que segue por estradas acessíveis para veículos, faz parte do percurso utilizado pelos carros para acessar a área de Novo Gama a partir de Valparaíso, via BR-040. Embora a trilha original tenha sido perdida, essa demonstração do trajeto atual serve para ilustrar como o percurso se adaptou ao contexto contemporâneo, passando por locais que antes eram percorridos exclusivamente por trilhas históricas.

O uso do *Strava* se revelou como uma ferramenta importante para documentar a alteração das rotas e oferecer uma visualização precisa do que foi transformado ao longo dos anos, permitindo uma reflexão sobre os impactos da urbanização e da falta de conservação de espaços históricos (Guimarães, 2023). A possibilidade de traçar e analisar esse trajeto com precisão não só contribui para a compreensão da modificação do percurso, mas também para a revalorização da memória do local, que foi parcialmente apagada ao longo do tempo.

CAPÍTULO 3: A Cartografia

3.1. O Espaço e habitar

A utilização do conceito de cartografia subjetiva foi inspirada em Suely Rolnik, cuja obra oferece uma abordagem inovadora ao pensar os espaços não apenas em termos físicos e objetivos, mas também a partir das experiências subjetivas e afetivas dos indivíduos que os habitam. A partir dessa perspectiva, a cartografia não é somente uma técnica para mapear espaços, mas uma ferramenta para compreender como as pessoas se relacionam com os lugares, como suas experiências e sentimentos moldam suas trajetórias e como a memória subjetiva é fundamental na construção do território vivido (ROLNIK, 2025).

Rolnik sugere que a cartografia subjetiva envolve uma análise da maneira como o corpo e a mente interagem com o espaço, e como esses processos geram um entendimento mais profundo das relações entre as pessoas e os lugares que habitam. A trilha dos Escravizados, que, originalmente, conectava várias localidades de grande importância histórica, carrega consigo uma memória que não se resume aos marcos geográficos, mas que está impregnada nas experiências de quem nela percorreu, nos afetos, nos traumas e nas histórias que se entrelaçam com o caminho. A abordagem proposta por Rolnik foi fundamental para entender a transformação dessa trilha, que deixou de ser um simples caminho físico para se tornar um espaço impregnado de significados culturais, sociais e históricos.

Esse olhar subjetivo foi essencial para compreender a importância da Trilha dos Escravos como um local de memória. Sua relação com o sofrimento, com a resistência e com a sobrevivência de muitas pessoas que nela transitavam ao longo de sua história também deve ser considerada. Assim, a cartografia subjetiva ajuda a evidenciar a importância de se preservar não apenas os aspectos materiais da trilha, mas também suas dimensões emocionais e culturais, que podem ser muitas vezes invisíveis nas abordagens mais tradicionais da história (ROLNIK, 2025).

3.2. Cartografia e o pensamento de Deleuze e Guattari

No pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a cartografia transcende o papel de mero mapeamento físico e linear. O conceito de rizoma, amplamente discutido em *Mil Platôs* (1995), propõe uma visão de sistemas dinâmicos e descentralizados, onde as conexões entre os elementos são múltiplas e horizontais. Diferente de estruturas hierárquicas ou sequenciais, o rizoma opera em um campo aberto de relações, sempre em transformação. Essa abordagem se revela particularmente

eficaz para a compreensão de territórios históricos e culturais, como a Trilha dos Escravizados, permitindo uma leitura que engloba dimensões físicas, sociais e simbólicas.

Aplicando o método rizomático à cartografia da Trilha dos Escravizados, é possível ir além de sua configuração geográfica e reconhecer o local como um “palimpsesto de histórias”. Cada segmento da trilha carrega consigo marcas de vivências humanas, memórias de opressão e resistência dos escravizados, além das interações com a paisagem natural e os interesses econômicos dos colonizadores. Sob essa perspectiva, a trilha emerge como um espaço multifacetado, onde diferentes temporalidades e narrativas se sobrepõem e dialogam.

A Trilha dos Escravizados exemplifica como a cartografia rizomática pode revelar camadas de história frequentemente silenciadas ou omissas. Construída sob condições desumanas por escravizados que abriram o canal do Rego das Cabaças, a trilha foi essencial para viabilizar a mineração de ouro na região. No entanto, a tentativa de renomeá-la como “Trilha do Cipó” representa uma estratégia de apagamento histórico, reduzindo o espaço a um simples atrativo natural, desconectado de suas raízes culturais e do sofrimento que ali ocorreu.

Essa renomeação reflete uma tendência mais ampla de suavizar memórias incômodas, um processo que a cartografia rizomática busca contrariar. O método, ao conectar diferentes dimensões — histórica, social e afetiva —, permite resgatar o significado pleno da trilha, restaurando as histórias apagadas e posicionando-as como parte integrante da identidade coletiva da região.

A cartografia, especialmente sob o enfoque rizomático, revelou-se não apenas como uma ferramenta técnica, mas como um meio de acessar narrativas e experiências que compuseram o território da Trilha dos Escravizados. A abordagem metodológica adotada permitiu uma exploração profunda e multifacetada do local, transcendendo a mera descrição física e abrindo espaço para a compreensão de suas dimensões sociais, históricas e afetivas.

Durante o processo de redescoberta e investigação da Trilha dos Escravizados, realizei a coleta de relatos orais de descendentes de escravizados, os quais mantinham vivas as histórias familiares e comunitárias ligadas ao local. Esses relatos proporcionaram um acesso direto às memórias e experiências daqueles que trilharam o caminho, revelando detalhes e nuances que, de outra forma, poderiam permanecer desconhecidos.

Durante as visitas de campo, recolhi o relato de Dona Sebastiana, uma senhora de 84 anos, descendente direta de escravizados que trabalharam na abertura do Rego das Cabaças. Sentada à sombra de um ipê, Dona Sebastiana contou que, segundo seus avós, havia um ponto da trilha conhecido como “Curva do Cansaço”, onde os trabalhadores forçados, exaustos pela jornada brutal, paravam para descansar por poucos instantes antes de retomar a escavação. Ela descreveu que, naquele local, os anciãos marcavam pedras com sinais discretos, pequenos entalhes que

representavam pedidos silenciosos de proteção e resistência. Embora imperceptíveis hoje. Este testemunho oral não apenas trouxe vida às marcas físicas identificadas no território, mas também reforçou a compreensão da trilha como um espaço vivido, impregnado de afetos, dores e gestos de sobrevivência. Assim, a cartografia rizomática permitiu que essas memórias silenciosas emergissem como elementos constitutivos da história da Trilha dos Escravizados.

Identifiquei marcos físicos, como cortes nas rochas (figura 18) e áreas de antigos acampamentos, os quais serviram como testemunhas dos esforços e das condições enfrentadas pelos trabalhadores forçados. A análise desses vestígios materiais proporcionou uma compreensão tangível das dificuldades e do trabalho árduo realizado pelos escravizados na construção do Rego das Cabaças.

Figura 18. Marcas nas rochas



A aplicação do método cartográfico, com sua ênfase na interconexão e na exploração das múltiplas camadas de significado, permitiu resgatar a complexidade da Trilha dos Escravizados, revelando a história do local como um palimpsesto de vivências e memórias. O estudo demonstrou como a trilha não foi apenas um caminho físico, mas um espaço carregado de experiências, sofrimentos e resistência, cuja compreensão demandou uma abordagem metodológica que fosse além da simples análise linear. Assim, a cartografia rizomática, ao considerar as dimensões históricas, sociais e afetivas, permitiu uma leitura mais completa e profunda da trilha, resgatando histórias que frequentemente foram silenciadas.

A Trilha dos Escravizados, observada sob a ótica rizomática, transcende sua materialidade como caminho. Ela se torna um ponto de convergência de memórias e um território de contestação simbólica. A cartografia aplicada a esse espaço reforça a necessidade de uma leitura crítica e sensível, capaz de desconstruir narrativas simplistas que obscurecem a complexidade histórica e cultural do local.

Além disso, ao resgatar e preservar as histórias que atravessam a trilha, a cartografia contribui para uma valorização do patrimônio imaterial associado ao lugar. Sob a influência de Deleuze e Guattari, essa prática se torna um convite à reflexão sobre os processos de construção e apagamento da memória coletiva, posicionando a Trilha dos Escravizados como um espaço de resistência e um símbolo de resiliência cultural.

Por fim, ao recuperar as histórias omissas e integrá-las à paisagem contemporânea, a cartografia rizomática oferece não apenas um entendimento mais profundo do território, mas também uma oportunidade de transformação social e educativa. A Trilha dos Escravizados, então, não é apenas um vestígio do passado; ela é um território vivo, cujo significado continua a ser construído e renegociado.

3.3. Strava e Google Maps

A literatura relacionada à preservação de trilhas históricas e à análise de trajetos em mapas é vasta. Artigos acadêmicos e estudos de caso têm explorado como a cartografia pode ser aplicada para entender e reconstruir trajetos que, de alguma forma, fazem parte de um patrimônio cultural importante, mas que, devido à omissão ou à destruição, se encontram em risco de desaparecer. De acordo com Silva et al. (2023), a utilização de plataformas como **Strava** e **Google Maps** tem se mostrado eficaz na documentação de percursos históricos e na criação de uma memória digital que pode ser compartilhada e acessada por futuras gerações, mesmo diante das transformações que esses locais sofrem com o tempo.

O estudo de *Cartografia ou de Como Pensar com o Corpo Vibrátil*, de Suely Rolnik, discute como a subjetividade e o movimento físico podem ser analisados a partir de uma perspectiva cartográfica, permitindo que os espaços sejam compreendidos em sua totalidade, considerando também as dimensões emocionais e afetivas que os atravessam (Rolnik, 2025). Ao aplicar essa técnica na análise da *Trilha dos Escravos*, conseguimos perceber que, embora o percurso tenha sido modificado, ele permanece vivo na memória coletiva, nas histórias compartilhadas e nas experiências que se perpetuam.

Figura 19. Trilha dos Escravos no Google Maps



Fonte: Adaptado do Google Maps (2025) As figuras apresentam o mapa da região onde atualmente se inicia a Trilha dos Escravizados, permitindo visualizar o percurso inserido no contexto urbano contemporâneo. O trajeto, que pode ser percorrido de bicicleta, estende-se até a altura da cidade de Valparaíso de Goiás.

3.4. Caminhar como processo

O ato de caminhar, além de ser uma prática física, possui uma dimensão mental profunda e intrínseca. É mais do que simplesmente mover-se de um lugar para outro; é uma forma de interação complexa com o ambiente circundante, um meio de compreender e interpretar o mundo. Nesse contexto, a caminhada revela-se como uma jornada que transcende a mera locomoção, tornando-se uma experiência enriquecedora que promove uma imersão sensorial na paisagem. Durante essa

prática, sou capaz de estabelecer uma comunicação íntima com o entorno, percebendo nuances e detalhes que muitas vezes passam despercebidos em outras circunstâncias.

O ato deliberado de caminhar permite uma exploração profunda e meticulosa do ambiente natural, transformando cada passo em uma decisão consciente e significativa. Cada pegada marca não apenas o solo, mas também minha própria jornada interior, criando uma interação única entre o indivíduo e o espaço. Ao caminhar, posso experimentar o tempo de maneira peculiar; ele se desenrola diante de mim de maneira gradual e contemplativa, oferecendo oportunidades para reflexões profundas e uma apreciação mais profunda do momento presente.

A caminhada com voluntários passa a ser a ação central dessa fase, que revela a experiência individual e de grupo, e participam coletivamente na ação, estabelecendo um “estado reflexivo” individual durante a caminhada. A trilha foi desenhada quando o caminhar era uma prática dura de se realizar, pelos perigos de várias espécies que comportava e, por isso, o envolvimento nessa aventura levava muita gente a considerar um feito que permitia a redescoberta de si mesmo, acabando por se tornar numa prática religiosa.

Figura 20. Trilha dos Escravos na caminhada com voluntários





3.5. Caminhar

Em meio à agitação implacável da vida moderna, onde o tempo é um recurso escasso e as distrações são constantes, o ato de caminhar emerge como uma prática revolucionária. O livro "Caminhar, uma filosofia" de Frederic Gros nos convida a repensar o significado do simples ato de colocar um pé na frente do outro. Neste capítulo, examinaremos profundamente as percepções de Gros sobre o caminhar, destacando como ele transcende os limites da mera locomoção para se tornar uma filosofia de vida rica em significado, introspecção e resistência.

3.5.1. O Significado do Caminhar

Gros nos conduz por uma jornada filosófica, desvendando as camadas mais profundas do caminhar. Ele argumenta que, ao caminhar, nos conectamos com nossa essência, encontrando espaço para a reflexão e a autoexploração. Ao afirmar que "caminhar é também estar só consigo mesmo, é um ato de libertação, é voltar à simplicidade, à autenticidade" (Gros, 2009, p. 37), ele nos lembra da capacidade transformadora desse ato. É nessa solidão compartilhada com nós mesmos que encontramos clareza mental e espiritual.

3.5.2. A Conexão com a Natureza

Frederic Gros nos apresenta uma das dimensões mais instigantes de sua filosofia do caminhar: a relação dialógica entre o caminhante e a natureza. Para ele, a natureza não se reduz a um cenário passivo, mas se impõe como um interlocutor ativo, um parceiro de diálogo que orienta, inspira e transforma. Essa perspectiva desafia a visão utilitária que enxerga a natureza apenas como

pano de fundo para a ação humana, convidando-nos a uma imersão mais profunda no ambiente que nos cerca. Como observa Gros, na natureza "não há inquietação, não há escravidão, não há limites fixos"; ao contrário, ela se oferece como um espaço de liberdade, um convite à expansão e à descoberta.

Ao aplicar a perspectiva de Frédéric Gros à experiência de percorrer a Trilha dos Escravizados, o ato de caminhar adquire uma dimensão ainda mais profunda. A trilha, carregada de marcas históricas de sofrimento e resistência, não é apenas um percurso físico a ser atravessado, mas um espaço de reconexão com a memória coletiva e com as camadas esquecidas da história. Cada passo na trilha, em meio à vegetação cerrada e às marcas sutis deixadas no terreno, convida o caminhante a desacelerar e a se integrar sensorialmente ao ambiente, o som do vento entre as árvores, o aroma da terra ancestral, a textura irregular do solo, promovendo um estado de atenção plena. Nesse movimento, caminhar pela Trilha dos Escravizados transcende a prática física e se torna um gesto de resistência simbólica contra o esquecimento, recuperando as vozes silenciadas dos que ali transitaram sob condições de extrema opressão. Tal como propõe Gros, esse caminhar meditativo rompe com o automatismo do presente e reafirma a potência do corpo e da memória como formas de contestação e ressignificação do espaço vivido.

Além disso, a natureza, na visão de Gros, assume o papel de guia, oferecendo "lições sobre liberdade, expansão e harmonia". Cada árvore, cada pedra, cada curso d'água se apresenta como um símbolo da ordem e dos ciclos da vida, ensinando-nos sobre permanência e transformação. Nessa relação, o caminhante não apenas experimenta um senso renovado de pertencimento ao mundo, mas também desenvolve uma percepção mais profunda da interdependência entre sua liberdade individual e a liberdade do próprio ambiente natural. Assim, caminhar na natureza não é apenas um ato contemplativo, mas um gesto ético: um reconhecimento da necessidade de preservar esse espaço que nos acolhe e nos forma. Gros, assim, não apenas nos incita a caminhar, mas a reconstruir nossa percepção da Terra, nutrindo uma responsabilidade ecológica que ultrapasse o presente e se afirme como promessa para as próximas gerações.

3.5.3. Caminhar como Resistência: A Trilha dos Escravos e a Memória Coletiva

Em um mundo onde a velocidade é reverenciada e a pausa é muitas vezes omissa, Gros propõe o caminhar como um ato de resistência. Na modernidade, o tempo tornou-se um recurso escasso, controlado e fragmentado em ciclos produtivos que nos impõem uma lógica de aceleração e eficiência. A experiência de caminhar, ao contrário, resgata uma relação mais orgânica com o tempo, uma temporalidade que se mede pelo corpo e pelo percurso, não pelo relógio. Ao adotar a

lentidão, desafiando o ritmo imposto pelo mundo contemporâneo, o caminhante se torna um rebelde, um “protestante” contra a tirania do tempo. Ele afirma que “A lentidão é uma forma de resistência. É uma forma de protesto, é algo que diz respeito ao tempo da vida” (Gros, 2009, p. 123). Nesse sentido, caminhar é mais do que uma atividade física; é um gesto político de insubmissão, um questionamento dos valores que organizam a vida moderna.

Se essa lógica já se impõe sobre a sociedade como um todo, ela se revela ainda mais cruel quando aplicada às formas de memória coletiva. Lugares históricos que carregam narrativas de opressão e resistência são frequentemente apagados, renomeados ou reconfigurados sob novas significações que os esvaziam de seus sentidos originais. A Trilha dos Escravos, no cerrado brasileiro, é um exemplo desse conflito entre memória e esquecimento. Caminhar por essa trilha não é apenas uma experiência de contato com a natureza, mas uma travessia pelas camadas ocultas da história, um testemunho silencioso das trajetórias de homens e mulheres que ali passaram, carregando correntes, dores e esperanças.

No entanto, a escolha de percorrer a trilha com sua designação original ressignifica o ato de caminhar, convertendo-o em um gesto de resgate da memória. Trata-se de um enfrentamento da tentativa de esquecimento, um esforço de devolver a trilha ao seu significado primeiro: um caminho percorrido por aqueles que não caminhavam por liberdade, mas que, paradoxalmente, ao percorrê-lo, faziam dele um território de resistência.

O cerrado, com sua vegetação resiliente e sua geografia marcada por trilhas e caminhos ancestrais, é o cenário onde essa memória resiste. O caminhar aqui não é apenas deslocamento no espaço, mas um modo de apreender a paisagem como um palimpsesto de histórias sobrepostas. É nesse ponto que a abordagem de Richard Long²⁰ se torna fundamental. Para Long, caminhar é uma forma de arte, um modo de registrar a experiência da paisagem através do corpo. Suas caminhadas transformam-se em marcas, intervenções discretas que revelam a passagem do tempo e a relação entre o humano e o espaço. Seu trabalho nos lembra que a caminhada é uma narrativa traçada pelo próprio corpo, uma escrita efêmera sobre o solo.

Inspirado por Richard Long, artista britânico conhecido pelo movimento da Land Art²¹, o caminhar na Trilha dos Escravos se torna mais do que um deslocamento: é uma escrita da memória, uma forma de mapear as ausências e os vestígios deixados pelo passado. Cada passo na trilha se transforma em uma investigação: os rastros deixados na terra, a geografia marcada pelo sofrimento

²⁰ LONG, Richard. *Walking the Line*. London: Thames & Hudson, 2010.

²¹ Land Art: A Land Art (em inglês Earth Art ou Earthwork) é um movimento artístico marcado pela junção da natureza com a arte. Ele surgiu na década de 60 nos Estados Unidos e na Europa. O termo “land art”, se traduzido, corresponde a “arte da terra” e tem como característica a possibilidade da utilização de recursos da própria natureza para a criação da obra de arte.

e pela resiliência, as árvores que testemunharam a passagem dos cativos e, agora, dos caminhantes que buscam compreender. Participar de caminhadas guiadas, recuperar rotas perdidas e documentar essas experiências são formas concretas de transformar o caminhar em resistência. É um modo de recusar o apagamento, de inscrever no presente a lembrança daqueles que percorreram esse mesmo solo.

Caminhar na Trilha dos Escravos não é, portanto, uma simples experiência de exploração. Se acompanhado de consciência, é um ato político e memorialístico, um compromisso com a verdade histórica e um gesto de respeito aos antepassados. Em um mundo onde a aceleração nos afasta das raízes e das narrativas que nos formam, essa trilha nos convida a desacelerar e a escutar. Afinal, como nos lembra a própria noção de palimpsesto, cada paisagem contém camadas de tempo e de memória, e cabe ao caminhante – esse arqueólogo do sensível – trazer à tona as histórias enterradas no solo que pisa.

Que lugar pode ser esse? Seria um território onde o passado resiste, onde o caminhar não é apenas um movimento do corpo, mas uma afirmação da identidade e da memória?. Quem percorre essa trilha se torna parte de uma narrativa maior, um fio na tapeçaria cruel da história, mas também na trama contínua da resistência.

3.5.4. A caminhada segundo pensadores mencionados na obra de Gros

A caminhada tem sido um elemento essencial na vida e no pensamento de diversos filósofos, escritores e líderes. Para cada um deles, essa prática assume significados distintos, indo desde um exercício de criatividade até uma forma de resistência política. Frédéric Gros, em suas reflexões sobre o ato de caminhar, destaca como essa atividade influencia o pensamento e a percepção do mundo.

Nietzsche considerava a caminhada uma atividade fundamental para sua criatividade e clareza mental. Ele acreditava que suas melhores ideias surgiam durante seus percursos, enxergando o ato de caminhar como uma forma de meditação que lhe permitia aprofundar suas concepções filosóficas. A relação entre movimento e pensamento era, para ele, indissociável, de modo que suas longas caminhadas se tornaram parte de seu processo intelectual.

Rousseau, por sua vez, realizava²² longas caminhadas entre cidades e, nelas, provavelmente nutria seus ideais de liberdade e igualdade. Para ele, esse deslocamento representava não apenas um meio de transitar fisicamente, mas também uma fuga da sociedade e um espaço para a imaginação

²² ROUSSEAU, Jean-Jacques. Devaneios de um caminhante solitário. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Martin Claret, 2004.

de um mundo ideal. Suas experiências como caminhante influenciaram diretamente sua visão política e filosófica, refletindo-se em sua defesa do retorno à simplicidade e ao contato com a natureza.

Rimbaud, conhecido por sua poesia inovadora, encontrava nos passeios não apenas um tema recorrente de sua obra, mas também um estímulo para sua criatividade. Suas caminhadas permitiam-lhe uma conexão mais íntima com a natureza, despertando sua sensibilidade artística e alimentando suas experimentações poéticas. O ato de vagar pelo mundo, tanto fisicamente quanto em sua imaginação, marcou sua produção literária e sua visão estética.

Thoreau via as caminhadas como um meio de se desconectar da sociedade industrializada e se reconectar com a natureza. Para ele, os chamados "passeios inúteis" eram, na verdade, momentos de profunda renovação espiritual e inspiração. Sua concepção de vida simples e minimalista encontrou no caminhar uma prática essencial, refletindo-se em seus escritos sobre o equilíbrio entre a existência humana e o mundo natural.

Diferentemente dos demais pensadores, Gandhi utilizava as caminhadas como uma ferramenta política e de resistência não violenta. Suas famosas Marchas do Sal, realizadas na Índia, tornaram-se símbolos poderosos de luta contra o domínio britânico. Para ele, caminhar não era apenas um exercício físico ou reflexivo, mas uma forma de mobilização social e engajamento coletivo, demonstrando a força da resistência pacífica.

Conhecido por sua metodologia rigorosa, Kant incluía caminhadas diárias como parte essencial de sua rotina. Ele acreditava que essas caminhadas matinais contribuem para sua saúde física e mental, além de proporcionarem um momento de reflexão disciplinada. Sua regularidade nos deslocamentos a pé espelhava-se em seu pensamento filosófico estruturado e metódico.

Sob uma outra perspectiva, Nerval encontrava nas caminhadas um refúgio para suas inquietações pessoais. Suas perambulações solitárias permitiam-lhe escapar das pressões da vida urbana e encontrar um espaço para introspecção. Para ele, caminhar era uma forma de se perder em seus próprios pensamentos e emoções, ajudando-o a lidar com suas angústias e explorá-las artisticamente.

Além dessas diferentes abordagens individuais, o conceito de flâneur, amplamente desenvolvido por Walter Benjamin a partir da obra de Baudelaire, aprofunda a compreensão do caminhar como prática estética e intelectual. O flâneur é mais do que um mero transeunte: ele é um observador arguto, alguém que transforma o ato aparentemente banal de vagar pelas ruas em um processo reflexivo e crítico. Para Benjamin, essa figura emerge com o advento da modernidade e da grande cidade, particularmente em Paris, onde a experiência urbana fragmentada e efêmera exige um novo modo de percepção.

O flâneur não se limita a registrar o que vê; ele interpreta, descobre narrativas ocultas sob a superfície cotidiana, atuando como um arqueólogo da modernidade, escavando os resquícios da vida urbana. Ele lê a cidade como se lê um texto, decifrando signos, capturando atmosferas, reconhecendo contradições. Em seu caminhar sem rumo prático, o flâneur desafia a lógica utilitarista da vida moderna, cultivando um olhar errante e poético sobre a metrópole.

Walter Benjamin via no flâneur uma metáfora para o próprio intelectual moderno: deslocado, atento, capaz de perceber as sutilezas da transformação social. O vagar pelas ruas não é mero passatempo, mas um modo de resistência à alienação, uma tentativa de resgatar a experiência autêntica em meio à mercantilização da vida urbana. Assim, o flâneur não apenas habita a cidade; ele a reinventa, traçando percursos sensíveis e subjetivos que revelam suas múltiplas camadas de significação.

Dessa forma, a caminhada se apresenta como uma prática multifacetada, influenciando tanto o pensamento filosófico quanto a criação artística e a mobilização política. Seja como fonte de inspiração, meio de introspecção ou forma de resistência, o ato de caminhar moldou a trajetória de inúmeros pensadores, consolidando-se como uma experiência transformadora.

CAPÍTULO 4: A natureza e o homem

4.1.O caminhar no campo da Arte

A noção experimental da natureza, entre o ser humano e o "in natural", é uma constante entre os artistas da Land Art, tanto britânica como norte-americana. No entanto, essa relação assume matizes distintos dentro do movimento, oscilando entre a monumentalidade de intervenções como as de Robert Smithson e Walter de Maria e a utilização do gesto artístico na prática de Hamish Fulton.

Enquanto Richard Long e Fulton compartilham uma abordagem mais orgânica da interação com a paisagem, Smithson e Walter de Maria adotam uma perspectiva apocalíptica, tratando a terra como um espaço de intervenção direta e por vezes agressiva. "Spiral Jetty", de Smithson, é um exemplo emblemático da Land Art que modifica o espaço natural, criando um monumento que se insere no processo de degradação e renovação da paisagem. Por outro lado, Walter de Maria, com sua obra "The Lightning Field", transforma o deserto em um palco para interações entre a natureza e elementos artificiais, gerando uma tensão entre o homem e o ambiente.

Fulton, por sua vez, rejeita essa abordagem monumentalista. Para ele, a própria caminhada é a obra, deslocando o foco da produção material para a experiência subjetiva. Diferente dos outros artistas da Land Art, sua intervenção no meio natural não deixa traços permanentes; sua arte se insere na efemeridade do percurso. A experiência de "No talking for seven days", na qual ele percorre extensos territórios em silêncio, exemplifica como o deslocamento se torna um ato artístico por si só. A ausência de diálogo intensifica a relação sensível do artista com o ambiente, ressignificando a noção de interação com a paisagem.

A Land Art, de modo geral, compartilha uma visão experimental da natureza, tratando-a como um espaço de exploração plástica e conceitual. A diferença entre os artistas reside na maneira como essa interação se manifesta: se para Smithson a paisagem é um suporte de intervenção transformadora, para Fulton a paisagem é um espaço de experiência, cuja essência reside na imaterialidade da jornada.

A relação de Fulton com a caminhada pode ser associada às experiências de peregrinação e resistência, como as jornadas realizadas pelos escravizados que construíram a Trilha dos Escravos. A caminhada, nesse contexto, não é apenas um deslocamento físico, mas um processo de ressignificação do próprio corpo no espaço. Ao longo da história, caminhos e trilhas têm sido cenários de sofrimento e de espiritualidade, elementos que perpassam tanto a prática de Fulton quanto a trajetória dos que foram forçados a percorrer trilhas como a dos Escravos.

O conceito de "superar o estado animal" através da jornada reflete um pensamento filosófico profundo sobre a humanização através da interação consciente com o mundo natural. O caminhar não é meramente um ato motor, mas uma vivência que possibilita um reencontro do ser humano consigo mesmo e com seu entorno. Essa relação ressoa com ideias existencialistas e fenomenológicas, sugerindo que o deslocamento físico pode levar a um aprofundamento da consciência e a um maior entendimento da própria condição humana.

A arte da caminhada não apenas ressignifica o espaço, mas também provoca um impacto ético e político. A percepção da interconexão entre o homem e a natureza pode levar a uma postura mais responsável em relação ao meio ambiente, algo que, em tempos de crise ecológica, se torna essencial. Ao transformar o caminhar em um ato artístico, Fulton sugere uma maneira alternativa de interagir com o mundo, contrapondo-se às visões de transformação material da paisagem e valorizando a experiência enquanto ato estético e existencial.

4.2. O caminhar como processo

Em Richard Long encontramos importantes reflexões sobre o caminhar como processo da arte. Long é um renomado artista e caminhante que explora essa interconexão entre o movimento do corpo e a mente, transformando o ato de caminhar em uma expressão artística. Ele nos lembra da importância de abraçar essa prática não apenas como uma forma de locomoção, mas como um meio de descoberta pessoal e entendimento do mundo que nos cerca. Ao seguir os passos de Long, somos convidados a nos tornar descobridores, exploradores do nosso próprio ambiente, absorvendo suas histórias, texturas e energias enquanto deixamos nossa própria marca, não apenas na terra sob nossos pés, mas também em nossa própria jornada interior de autoconhecimento e compreensão do mundo natural que nos cerca.

Richard Long é conhecido por suas práticas artísticas que envolvem caminhar em espaços naturais e criar intervenções estéticas usando elementos encontrados no ambiente. Seu trabalho abrange desde a criação de círculos com pedras até caminhar por longas distâncias, registrando sua presença no ambiente natural por meio de fotografias, desenhos e esculturas.

Há um caráter radical que aparece a princípio nos formatos elementares de suas esculturas, na linha, no redondo, na cruz e na espiral, visíveis através das fotografias que ele mesmo tira de suas intervenções na paisagem. Mas este caráter radical se revela também nos materiais que o artista utiliza: pedra, água, argila, fogo e cinzas. O trabalho de Richard Long surge de seu próprio deslocamento e dos elementos que ele transporta.

Envolve a repetição de gestos, os quais, aliás, são os mesmos de tantos animais: andar, carregar, jogar, espalhar, deixar cair e imprimir. O trabalho tem uma forte ligação com antigos *savoir-faire*.

Uma das características marcantes do trabalho de Long é sua imersão na solidão ao caminhar por lugares remotos e desconhecidos. Essa experiência solitária permite que o artista entre em contato direto com a natureza e com as diferentes sensações e percepções que o ambiente proporciona. A solidão pode ser vista como um elemento essencial para a introspecção e a reflexão durante o processo criativo.

Para Long, a arte é uma experiência. Ele transforma o espaço por meio de seu movimento peculiar de caminhar, deixando marcas e traços com seu próprio pé. Esses gestos específicos e singulares se tornam parte integrante de sua obra de arte. Ele registra tudo fotograficamente e depois realiza composições semelhantes em lugares remotos da África, utilizando pedras encontradas. Essas intervenções são posteriormente apresentadas tanto em galerias quanto no ambiente natural.

O trabalho de Richard Long, especialmente seu enfoque no caminhar, revela-se uma maneira fascinante de explorar lugares, trilhar caminhos e experimentar sensações. Ele se posiciona como um descobridor, um indivíduo que busca compreender a história, sentir as coisas e registrar informações enquanto trilha o caminho. Sua prática artística destaca a importância da experiência e da interação direta com o ambiente natural.

"Caminhar é uma ação física e mental simultânea. É um modo de entender o mundo, um ato de descoberta e uma forma de expressão artística. Através do ato de caminhar, posso me conectar com a paisagem, observar detalhes imperceptíveis e experimentar uma profunda intimidade com o ambiente natural. O caminhar me permite experimentar o tempo e o espaço de maneira única. Cada passo é uma decisão consciente que molda a minha jornada e deixa uma marca no território que percorro". Trecho retirado de uma declaração pública de Richard Long.

A obra de Long transcende a mera ação de se locomover; ela representa uma exploração profunda da relação entre o homem e a natureza, onde o ato de caminhar se transforma em uma experiência sensorial, intelectual e espiritual. Suas caminhadas se transformam em obras de arte, onde cada passo é um gesto criativo, cada marca no solo é uma expressão de sua interação com o ambiente circundante (Kastner, 2010). Long não apenas segue trilhas, mas as molda com seus passos, trazendo à tona uma narrativa única que só pode ser compreendida por meio da jornada a pé.

4.3. Caminhar em grupo

A principal forma de atividade artística de Hamish Fulton é a caminhada, que registrou em fotografias, textos e catálogos. Ao contrário do seu contemporâneo britânico Richard Long, a fotografia não é a sua obra de arte, mas sim a ação de caminhar em grupo. As suas fotografias evocam a caminhada com o seu estado de espírito religioso.

A sua obra tem uma relação entre a experiência corporal e os efeitos do pensamento, encaixando-se numa perspetiva que se aproxima do termo de performance. Fulton desenvolve o ritual e a transformação do indivíduo no coletivo. Por isso, a sua obra é de tal modo radical, que resiste à definição como artista da land art britânica. A caminhada, segundo o artista, envolve um grupo de pessoas que participam nela, sendo ela própria um destino, um processo de realização espiritual:

Se o destino foi alcançado ou não, o sacrifício ou o ato de saliência foi a viagem em si, juntamente com todos os processos físicos e psíquicos que evocou. Enquanto a caminhada acontecia frequentemente em grupos, a própria intensidade da experiência de purificação tornou-se individual e incomunicável. (CARERI, 2020, p. 57)

Fulton dá-nos uma outra noção de caminhada, dando mais ênfase à prática do que à teoria, *A walk is practical not theoretical*. Para tal, tirou fotos das marcas dos pés no solo e reorganizou os elementos nos campos, rochas e galhos, o que fez com que as suas obras fossem muito pouco discerníveis do ambiente que as envolvia. Considera todo o processo da caminhada como uma ação peregrina e religiosa, tal como Thoreau, que utilizava a caminhada pela natureza como ação purificadora do espírito e do corpo, que transforma em templo. Por exemplo, *No talking for seven Days*.

Sua prática artística se situa na interseção entre a experiência corporal e os efeitos do pensamento, se aproximando do conceito de performance. Fulton desenvolve rituais que transformam não apenas o indivíduo, mas o coletivo. Sua abordagem desafia categorizações convencionais, resistindo à definição simplista como um artista da land art britânica. A caminhada para Fulton não é apenas um meio de locomoção; ela é um destino em si, um processo de realização espiritual.

No entendimento de Fulton, o destino final da caminhada é menos relevante do que a jornada em si. O sacrifício e o ato de superação residem na própria viagem, junto com os processos físicos e psíquicos que ela evoca. Embora frequentemente realizada em grupos, a intensidade da experiência de purificação torna-se profundamente individual e inefável.

Fulton redefine a noção de caminhada, colocando uma ênfase maior na prática do que na teoria: "A caminhada é prática, não teórica." Ele captura a essência dessa prática ao fotografar as marcas deixadas pelos pés no solo e ao reorganizar elementos naturais, como campos, rochas e galhos. Suas obras se integram tão profundamente ao ambiente circundante que se tornam quase indiscerníveis. Fulton concebe todo o processo da caminhada como uma jornada peregrina e religiosa, alinhando-se com pensadores como Thoreau, que viam a caminhada pela natureza como uma ação purificadora do espírito e do corpo, transformando o mundo natural em um templo sagrado. Um exemplo notável de sua prática é a obra "No talking for seven Days".

Dessa forma, a abordagem de Fulton para a caminhada transcende as fronteiras convencionais da arte, convidando-nos a reconsiderar não apenas o significado da jornada, mas também a própria natureza da experiência estética e espiritual no contexto da natureza. Sua prática desafia não apenas os limites do corpo e da mente, mas também as fronteiras entre a arte e a vida cotidiana, proporcionando uma rica área de exploração para investigações acadêmicas e reflexões profundas sobre a interconexão entre humanidade, natureza e espiritualidade.

CAPÍTULO 5. Cartografia Sentimental

5.1. Mapear o invisível

A escolha do tema da pesquisa, centrada em Brasília e suas trajetórias invisibilizadas, revela-se não apenas pertinente, mas essencial para a construção de novos olhares sobre espaços geográficos, históricos e subjetivos. Essa investigação, alinhada à metodologia da cartografia sentimental de Suely Rolnik, transcende a abordagem puramente geográfica e objetiva para incluir as dimensões subjetivas, emocionais e históricas do espaço.

5.2. Cartografia: um método multidimensional

Segundo Suely Rolnik, a cartografia não é apenas o registro de territórios físicos, mas também uma forma de mapear afetos, fluxos e dinâmicas que atravessam a experiência humana. Nesse sentido, mapear Brasília "antes de JK" envolve reconstruir as narrativas daqueles que habitaram e moldaram a região antes da concepção da cidade moderna. Isso inclui os trajetos dos escravizados na trilha que conectava Lusiana ao Gama e os impactos das incursões bandeirantes, que redesenharam a geografia e a história local.

A cartografia sentimental permite ao pesquisador olhar para essas trajetórias com um foco ampliado, explorando não apenas os vestígios materiais, mas também as memórias e afetos que residem nesses espaços. Para Rolnik, "navegar pela vida e entender os processos" é, ao mesmo tempo, um ato de resistência e criação, algo que se reflete diretamente no resgate dessas histórias esquecidas.

5.3. O papel do pesquisador: descobrir para a academia descobrir

A perspectiva da descoberta: se descobrir algo, a academia também descobre, posiciona o pesquisador como um mediador entre o espaço e a produção de conhecimento. Essa ideia reforça o papel da cartografia como método, uma vez que o processo de descobrir e destrinchar o lugar é, em si, uma contribuição inédita à academia.

Assim, a trilha dos escravos, por exemplo, não é apenas um percurso físico, mas um espaço carregado de histórias de luta, sofrimento e resistência. Ao reconstruir essa narrativa, a pesquisa propõe um novo olhar para Brasília, não apenas como capital moderna, mas como um território moldado por processos históricos complexos e muitas vezes apagados.

5.4. Cartografia Subjetiva e o Enraizamento Pessoal

Rolnik destaca que "o sentimento atua como um guia na navegação pelos fluxos do mundo". Essa perspectiva é particularmente relevante na relação do pesquisador com Brasília, um lugar que, além de ser objeto de investigação, também é um espaço vivido. O relato de experiências pessoais — como percursos realizados, acidentes e percepções sensoriais — adiciona profundidade à pesquisa e reforça sua conexão com o conceito de cartografia subjetiva.

Essa abordagem permite que o pesquisador se torne um "tradutor" das vozes do lugar, conectando o passado ao presente de maneira sensível e comprometida. A própria trilha dos escravos, vista pelo Google Maps, ganha outra camada de significado quando associada às memórias afetivas e às histórias transmitidas oralmente.

A ausência de registros acadêmicos sobre o tema reforça a importância da pesquisa. Mais do que narrar fatos históricos, o trabalho propõe um destrinchamento meticuloso do lugar, de suas histórias e de suas conexões com os processos de construção social e cultural. Nesse sentido, o uso de imagens, mapas e narrativas visuais não é apenas um recurso metodológico, mas também uma forma de comunicar o impacto emocional e histórico do espaço.

A pesquisa, ao adotar a cartografia como metodologia, não apenas mapeia o lugar, mas também o reinventa, permitindo que novas narrativas sejam incorporadas ao imaginário coletivo. Para Suely Rolnik²³, a cartografia sentimental é uma prática de resistência, pois desafia as narrativas hegemônicas e abre espaço para outras formas de existir e de contar histórias.

Assim, ao trazer à tona a história de Brasília antes de sua fundação oficial, o trabalho do pesquisador não apenas ilumina um território omissos, mas também contribui para uma compreensão mais ampla e sensível da relação entre espaço, história e subjetividade.

²³ ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.

CAPÍTULO 6. Apagamento: Trilha dos Escravos

6.1. Memória e resistência cultural

O processo de apagamento histórico da memória acerca da Trilha dos Escravos, ao ser rebatizada como Trilha do Cipó, não representa apenas uma mudança nominal, mas uma ação que transcende o simples ato de renomear um espaço. Este fenômeno complexo se enraíza nas teorias da memória coletiva de Maurice Halbwachs e nos estudos contemporâneos sobre a manipulação do espaço público para controlar narrativas históricas e sociais (Connerton, 2009; Nora, 1989).

Halbwachs argumenta²⁴ que a memória individual está profundamente ligada à memória coletiva, moldada pelos quadros de referência social e linguística do grupo ao qual um indivíduo pertence. No caso da trilha, esse contexto social é crucial. O apagamento da referência aos escravizados e a substituição por um termo neutro, como "Cipó", ofusca não apenas a história dos eventos que ocorreram na trilha, mas também dissocia a memória individual dos habitantes locais da memória coletiva de um passado doloroso. Este processo de apagamento pode ser visto como uma forma de "amnésia social" (Nora, 1989), onde as memórias dolorosas são suprimidas para facilitar a construção de uma nova narrativa histórica.

Além disso, Connerton destaca²⁵ que o espaço público é um veículo fundamental para a transmissão da memória coletiva. Lugares como a trilha não são apenas físicos, mas também sociais e simbólicos, sendo palcos de eventos históricos que moldam a identidade de uma comunidade. Quando o nome é alterado, a paisagem simbólica é reescrita, redefinindo não apenas o significado do lugar, mas também as experiências das pessoas que o frequentam. Nesse sentido, o poder público não apenas altera um nome, mas remodela a experiência das pessoas com seu próprio passado e identidade cultural.

Ao entender o apagamento histórico da Trilha dos Escravos como um processo multidimensional, esta pesquisa poderá fornecer uma visão abrangente sobre as complexidades da manipulação da memória coletiva através da transformação dos espaços públicos. Isso não apenas contribuirá para o campo dos estudos culturais, mas também informará políticas públicas voltadas para a preservação da memória histórica em espaços públicos, promovendo uma compreensão mais profunda das implicações sociais e culturais dessas ações.

²⁴ HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Centauro, 2006. (Original: *La mémoire collective*, publicado postumamente em 1950.)

²⁵ CONNERTON, Paul. Como as sociedades lembram. Tradução de Jorge Coli. São Paulo: Editora UNESP, 2009. (Original: *How Societies Remember*, 1989.)

A memória coletiva, conforme teorizada por Maurice Halbwachs (1990), não é um simples repositório de eventos passados, mas um fenômeno dinâmico, moldado por práticas sociais e relações de poder. Esse conceito torna-se particularmente relevante em contextos de apagamento histórico, onde narrativas hegemônicas buscam reconfigurar ou apagar memórias de grupos subalternizados. A Trilha dos Escravos, em Luziânia, representa um exemplo emblemático desse processo. Originalmente um espaço marcado pela exploração de trabalhadores escravizados, que construíram o Rego das Cabaças no século XVIII, a trilha passou por um processo de renomeação conhecido como "Trilha do Cipó". Essa mudança, embora aparentemente inofensiva, reflete uma tentativa de desvincular o espaço de seu contexto histórico, apagando as memórias de opressão e resistência que o configuram.

Esse apagamento não é um caso isolado, mas um fenômeno recorrente no Brasil. Milton Santos (2000) argumenta que o espaço geográfico é, em essência, um espaço de poder, onde as narrativas dominantes moldam a paisagem e determinam como ela será lembrada — ou esquecida. A Trilha dos Escravos é um exemplo claro desse fenômeno, onde as transformações no discurso público e na utilização do espaço buscam transformar um local de memória coletiva em um atrativo natural desprovido de sua carga histórica. Esse tipo de apagamento, contudo, encontra resistência nas comunidades locais, cujas memórias e tradições orais mantêm viva a conexão com o passado. Segundo Pierre Nora (1993), esses locais, chamados de "lugares de memória", têm um papel central na resistência contra o esquecimento e no reforço da identidade cultural.

6.2. O resgate da memória: cartografia sentimental

A cartografia sentimental, proposta por Suely Rolnik (2009), oferece um método para resgatar e reinterpretar territórios que carregam memórias silenciadas. Mais do que um mapeamento técnico, a cartografia sentimental incorpora dimensões subjetivas, emocionais e históricas de um espaço. No caso da Trilha dos Escravos, esse método possibilita um trabalho que vai além do levantamento geográfico, resgatando histórias invisibilizadas e reposicionando o espaço como um marco da luta e da resistência dos escravizados.

Esse resgate pode ser realizado de diversas maneiras. A coleta de narrativas orais junto aos descendentes das comunidades quilombolas de Luziânia, por exemplo, constitui uma ferramenta essencial para reconstruir os significados associados à trilha. Essas narrativas revelam não apenas o sofrimento, mas também as estratégias de sobrevivência e resistência dos escravizados. Além disso, a sobreposição de mapas históricos com dados contemporâneos permite identificar as

transformações no espaço físico e como essas mudanças foram usadas para apagar vestígios históricos.

Um exemplo comparativo pode ser encontrado no caso do Cais do Valongo, no Rio de Janeiro. Por muito tempo encoberto e omissos, o Cais foi redescoberto durante as obras de revitalização da região portuária e, posteriormente, reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO em 2017. Assim como a Trilha dos Escravos, o Cais do Valongo era um espaço carregado de memórias traumáticas, mas sua recuperação revelou a profundidade histórica do local, transformando-o em um símbolo da diáspora africana e da resistência cultural (SANTOS, 2010).

6.3. Resistência cultural e ações locais

Na Trilha dos Escravos, a resistência cultural se manifesta na preservação de práticas e memórias que confrontam o apagamento histórico. Mesmo com a tentativa de renomeação, comunidades locais e movimentos sociais têm se empenhado em recuperar o significado original da trilha. O trabalho de pesquisa histórica e de mapeamento desenvolvido em Luziânia, muitas vezes liderado por universidades e organizações comunitárias, desempenha um papel crucial nesse processo. Segundo Tania Katzman (2015), a pesquisa participativa, que envolve os próprios moradores na coleta de dados e na interpretação do espaço, é uma ferramenta poderosa para reforçar a conexão das comunidades com suas histórias e fortalecer sua autonomia cultural.

Outro exemplo de resistência cultural pode ser observado no Quilombo dos Palmares, em Alagoas, que também enfrentou tentativas de apagamento histórico. Hoje, a Serra da Barriga, onde se localizava o quilombo, é reconhecida como Patrimônio Cultural do Mercosul, graças aos esforços das comunidades locais e de acadêmicos que lutaram para preservar sua memória. Assim como no caso da Trilha dos Escravos, esse reconhecimento não apenas resgatou a história do local, mas também fortaleceu a identidade cultural dos descendentes dos quilombolas (REIS, 2018).

A Trilha dos Escravos, sob a lente da cartografia sentimental e das teorias sobre memória coletiva, emerge como um território de resistência cultural e histórica. A renomeação do espaço como "Trilha do Cipó" é uma tentativa de esvaziar seu significado, mas a pesquisa acadêmica, aliada ao ativismo local, tem o poder de reverter esse processo. Resgatar as histórias ligadas à trilha não é apenas um ato de preservação, mas também um gesto de justiça histórica, que devolve às comunidades locais o direito de se reconhecerem em seu território.

Ao documentar e reinterpretar espaços como a Trilha dos Escravos, criam-se novas possibilidades para o entendimento do passado e para a construção de um futuro mais inclusivo e consciente. Como propõe Milton Santos (2000), o espaço não é apenas um palco de eventos, mas

um agente ativo na formação das relações sociais. Nesse sentido, resgatar a memória da Trilha dos Escravos é também um esforço para transformar o espaço em um local de aprendizado e reflexão crítica, consolidando-o como um símbolo de resistência e de luta por reconhecimento histórico.

Figura 21. Paisagem da Trilha dos Escravos



Fonte: Adaptada do Google Maps (Imagens de João Lucas Fontana, Marcos Barreiro e Ricardo Gomes)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação conclui que a Trilha dos Escravos e o Rego das Cabaças transcendem a condição de vestígios materiais de um passado colonial para se afirmarem como espaços vivos de memória e resistência cultural. Esses locais, impregnados de histórias e significados, conectam o passado ao presente, iluminando as complexas relações de poder, opressão e resiliência que moldaram o Planalto Central e o Brasil como um todo. Ao adotar a cartografia sentimental como metodologia central, foi possível não apenas documentar a materialidade desses espaços, mas também acessar suas camadas subjetivas e emocionais, contribuindo para uma compreensão mais profunda das experiências vividas pelos negros escravizados e suas formas de resistência.

A pesquisa demonstrou que a Trilha dos Escravos e o Rego das Cabaças transcendem seu valor histórico como obras de engenharia colonial. Esses espaços se configuram como palimpsestos culturais, onde as marcas de opressão, as estratégias de resistência — como a formação de quilombos — e as tradições culturais se entrelaçam, criando um mosaico dinâmico de memórias. Como Suely Rolnik (1989) argumenta, "os territórios não são apenas físicos; eles são também moldados pelas afetações e pelos vestígios das experiências vividas". Este estudo explorou essas marcas, destacando a força de histórias que, por muito tempo, foram silenciadas pelas narrativas hegemônicas.

Ao resgatar essas memórias, a pesquisa reafirmou a necessidade urgente de preservar a Trilha dos Escravos e o Rego das Cabaças como patrimônio histórico e cultural. A invisibilização da história da escravidão não é apenas uma omissão histórica, mas também uma forma de perpetuar desigualdades estruturais e desvalorizar as contribuições dos negros à construção do país. Preservar esses espaços é um ato de justiça histórica e social, que fortalece os vínculos culturais e promove uma reflexão crítica sobre os processos de resistência e resiliência no contexto da escravidão.

A Trilha dos Escravos e o Rego das Cabaças, como demonstra esta dissertação, revelam-se espaços de memória onde o passado dialoga com o presente. Esses locais, impregnados de significado, permitem que compreendamos as experiências de dor e luta que ali ocorreram, enquanto inspiram novas formas de resistência e preservação cultural. Os mapas, documentos históricos, imagens e narrativas pessoais analisados nesta pesquisa contribuíram para iluminar um aspecto da história brasileira frequentemente relegado ao esquecimento. Como Paulo Bertran (2000) reflete, "a história de um território é também a história de suas gentes, suas dores e suas conquistas, que ecoam no tempo e no espaço".

Essa abordagem interdisciplinar trouxe à tona não apenas as práticas de exploração e violência que moldaram a região, mas também as formas de resistência e autonomia cultural que

emergiram como resposta. A formação de quilombos, a preservação da oralidade e das tradições africanas, e a adaptação criativa às condições adversas são testemunhos vivos da capacidade de resiliência dos negros escravizados. A cartografia sentimental provou ser uma ferramenta poderosa para desvendar essas camadas ocultas de história e significado, oferecendo uma leitura mais rica e inclusiva do passado.

Ampliando os Horizontes da Memória Histórica Esta dissertação também aponta para o potencial da cartografia sentimental como uma abordagem replicável em outros contextos históricos e geográficos. Espaços marcados pela escravidão, como quilombos, engenhos, mercados de escravos e rotas de fuga, podem ser analisados com esse mesmo olhar sensível e interdisciplinar, possibilitando novas compreensões sobre as marcas da escravidão na paisagem e na cultura brasileiras.

Para o fortalecimento dessa abordagem, recomenda-se:

- Mapear e documentar outros espaços de memória relacionados à escravidão em diferentes regiões do Brasil;
- Recuperar as narrativas das comunidades negras e de seus descendentes, valorizando suas vozes no processo de construção histórica;
- Promover a preservação do patrimônio histórico e cultural associado à escravidão, garantindo que as futuras gerações possam refletir criticamente sobre esse período da história nacional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Terras de quilombos, terras indígenas, "babaçuais" e castanhais: terras tradicionalmente ocupadas*. Manaus: PGSCA-UFAM; São Luís: Comissão Pró-Índio do Maranhão, 2014.
- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; FARIAS Jr., Emmanuel de Almeida (orgs). *Povos e Comunidades Tradicionais: nova cartografia social*. Manaus: UEA Edições, 2013.
- ALVES, R. Conheça a obra feita por dois mil escravos para levar água a Luziânia. *Correio Braziliense* [online], Distrito Federal, 12 dez. 2016. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/12/12/interna_cidadesdf,560953/conheca-a-obra-feita-por-dois-mil-escravos-para-levar-agua-a-luziania.shtml. Acesso em: 3 jun. 2023.
- AMADOR, F.; FONSECA, T. M. G. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa – considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 30-37, 2009.
- ANTONIOLI, M. Design in Guattari's Ecosophi. In: BRASSET, J.; MARENKO, B. (Orgs.). *Deleuze and Design*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.
- BEARDSLEY, J. *Earthworks and Beyond: Contemporary Art in the Landscape*. 4. ed. New York: Abbeville Press, 2006.
- BEARDSLEY, John. *Earthworks and Beyond: Contemporary Art in the Landscape*. New York: Abbeville Press, 1998.
- BERTALANFFY, L. V. *Teoria General de los Sistemas*. 10. ed. México: FCE, 1995.
- BERTRAN, P. *História do Homem e da Terra no Planalto Central*. Rio de Janeiro: Editora XYZ, 2004.
- BONFIM, G. A. Fundamentos de uma Teoria Transdisciplinar do Design: morfologia dos objetos de uso e sistemas de comunicação. *Estudos em Design*, ano V, n. 2, Rio de Janeiro, 1997.
- BRASSETT, Jamie; MARENKO, Betti. Affective ontologies: Design, objects and digital theory. *Design Studies*, v. 48, p. 100–117, 2017.
- BRASSET, J.; MARENKO, B. Assembling Design and Deleuze. In: BRASSET, J.; MARENKO, B. (Orgs.). *Deleuze and Design*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.
- CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Editora Gustavo Gili, 2020.
- CASTELLS, M. *The information age: economy, society, and culture. The rise of the network society*. v. 1. Oxford: Blackwell, 1996.
- CAVELL, Stanley. *The Senses of Walden*. San Francisco: North Point Press, 1981.
- CONNERTON, Paul. *Como as sociedades lembram*. Tradução de Jorge Coli. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

- COOPER, Harris. Scientific guidelines for conducting integrative research reviews. *Review of Educational Research*, v. 52, n. 2, p. 291–302, 1982.
- COUTINHO, L. M. O conceito de cerrado. *Revista Brasileira de Botânica*, 1(2), p. 17-23, 1978.
- COUTO, R. M. S.; FARBIARZ, J. L.; NOVAIS, L. *Gustavo Amarante Bonfim: uma coletânea*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Editora 34, 1995. v. 1.
- DE MARIA, Walter. *Walter De Maria: The Lightning Field*. New York: Dia Art Foundation, 2000.
- FLAM, J. (Org.). *Robert Smithson: The Collected Writings*. Berkeley: University of California Press, 1996.
- FULTON, Hamish. *Walking Journey*. London: Tate Publishing, 2002.
- GROS, Frédéric. *Caminhar: uma filosofia*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- GUIMARÃES, J. P. O Uso de Ferramentas Digitais no Mapeamento de Trilhas Históricas: O Caso da Trilha dos Escravos. Universidade Federal de Goiás, 2023.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Centauro, 2006.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Noções Básicas de Cartografia*. Rio de Janeiro: Divisão de Documentação – DDI/CDDI, 1999.
- KASTNER, J. Walking Through Landscape: The Art of Richard Long. In: EDENSOR, C.; EDENSOR, J. W. (Eds.). *Art and the Politics of Walking: Europe, Reflections*, 2010.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- KASTRUP, V.; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- KATZMAN, Tania. *História local e patrimônio cultural: práticas de pesquisa e educação patrimonial*. Brasília: IPHAN, 2015.
- KRUCKEN, L. *Design e Território: Valorização de identidades e produtos locais*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.
- LINEARES, J. A. *História da Mineração no Planalto Central: O Rego da Saia Velha*. Brasília: Editora ABC, 1987.
- LONG, Richard. *Walking the Line*. London: Thames & Hudson, 2010.
- MADUREIRA, Priscila Jane. *O ciclo da mineração no município de Luziânia - Goiás: O Rego do Saia Velha e as alterações na paisagem*. 2005. 66 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

- MAIRESSE, D. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, Tania Maria Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Org.). *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- MATA, Carlos Carvalho da. História de Santo Antônio do Descoberto. Portal da Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Descoberto, [s.d.]. Disponível em: <https://www.santoantoniododescoberto.go.gov.br/antigo/a-cidade/historia-de-santo-antonio-do-descoberto/>. Acesso em: 26 fev. 2025.
- MEIRELES, E.; REIS, G. *Almanach de Santa Luzia*. Luziânia: Editora Santa Luzia, 1920.
- MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto Enfermagem*, v. 17, n. 4, p. 758–764, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- MORAES, D. *De Metaprojeto: o design do design*. São Paulo: Blucher, 2010.
- MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Porto Alegre, 1991.
- MURAT, Laure. *La Maison du docteur Blanche: Histoire d'un asile et de ses pensionnaires, écrivains, fous et artistes*. Paris: Gallimard, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como se chega a ser o que se é*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- O'ROURKE, K. *Walking and Mapping: Artists as Cartographers*. Cambridge: MIT Press, 2013.
- PAGLIA, A. P. et al. *Lista anotada dos mamíferos do Brasil / Annotated checklist of Brazilian mammals*. 2. ed. Arlington: Conservation International, 2012. 76 p. (Occasional Papers in Conservation Biology, n. 6).
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PRADO JR., Bento. *Nietzsche e a verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbarói*, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45–59, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2471/2743>. Acesso em: 26 abr. 2025.
- PUCHEU, A. À fronteira desguarnecida: 1997. Disponível em: <http://albertopucheu.com.br>. Acesso em: 8 jan. 2019.
- RABISCO DA HISTÓRIA. Memória histórica: a importância da preservação dos registros do passado. Disponível em: <https://rabiscodahistoria.com/memoria-historica-a-importancia-da-preservacao-dos-registros-do-passado/>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- REIS, Gelmires. *Almanach de Santa Luzia*. Uberaba: Typographia de Obras São José, 1925.

RIMBAUD, Arthur. *Iluminações*. Tradução e apresentação de Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.

RIMBAUD, Arthur. *Uma temporada no inferno*. Tradução de Lúcio Cardoso. São Paulo: Editora Globo, 2007.

ROBIER, Jean-Luc. *Arthur Rimbaud: o menino que amava o céu*. Tradução de Ligia Maria Fonseca Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROLNIK, S. *Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil*. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2025.

ROLNIK, S. *Pensamento, Corpo e Devir: Uma Perspectiva Ético/Estético/Política no Trabalho Acadêmico*. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/13056/13056_5.PDF. Acesso em: 13 jan. 2025.

ROLNIK, S. *Subjetividade e Antropofagia segundo Suely Rolnik*. Disponível em: https://eva.fhce.udelar.edu.uy/pluginfile.php/138918/mod_resource/content/1/DIAPOSITIVAS%20ROLNIK.pdf. Acesso em: 13 jan. 2025.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Devaneios de um caminhante solitário*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Martin Claret, 2004.

SANO, E. E.; ALMEIDA, S. P.; RIBEIRO, J. F. *Cerrado: ecologia e flora*. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica; Planaltina: Embrapa Cerrados, 2008. 2 v.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, N. A. *Arte e saúde mental: em cartaz o teatro da loucura*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – PUC Minas, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, V. A. da; ESTEVA, F. M. Google Earth e Maps no Ensino da Cartografia. *Caderno Intersaberes*, v. 12, n. 39, p. 69-82, 2023.

SIMON, H. A.; BUCHANAN, R. *Design theory: Selected writings from Herbert Simon and Richard Buchanan*. MIT Press, 2015.

SOARES, Cássia Baldini et al. Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 48, n. 2, p. 335–345, 2014.

TEACHY. Resumo de A Importância dos Marcos e Registros Históricos na Memória Coletiva. Disponível em: <https://www.teachy.com.br/resumos/ensino-fundamental/3anoEF/historia/a-importancia-dos-marcos-e-registros-historicos-na-memoria-coletiva-Expositiva>. Acesso em: 13 jan. 2025.

TOREZAN, Evandro. A Trilha dos Escravos e o Rego das Cabaças. *Ser Pedalante*, Brasília, 13 jul. 2024. Disponível em: <https://serpedalante.com/2024/07/13/a-trilha-dos-escravos-e-o-rego-das-cabacas/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

TSCHUDI, Menna B. *Land Art*. Köln: Taschen, 2007.

ÚLTIMA PARADA. Descendentes de escravos preservam a memória e costumes dos ancestrais. *Última Parada*, 25 jan. 2012. Disponível em: <https://ultimaparada.wordpress.com/2012/01/25/>. Acesso em: 26 abr. 2025.

VIEIRA, Maria Aparecida; MOURA, José Carlos. *Patrimônio cultural afro-brasileiro: memória, identidade e resistência*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.

WALLIS, C. *Richard Long: Heaven and Earth*. London: Tate Publishing, 2009.

ZOURABICHVILI, F. *O vocabulário de Deleuze*. Campinas: UNICAMP, 2004.